

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

ANA ROSA LEME CAMARGO

**A EXPLOSÃO DISCURSIVA DO FENÔMENO HARRY POTTER E O
FUNCIONAMENTO DO PODER**

SÃO CARLOS

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Curso de Licenciatura em Letras

ANA ROSA LEME CAMARGO

**A EXPLOSÃO DISCURSIVA DO FENÔMENO HARRY POTTER E O
FUNCIONAMENTO DO PODER**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Letras em 29 de janeiro de 2013,
Para a obtenção do título de licenciado
em Letras na Universidade Federal de
São Carlos.**

*Orientação: Prof^ª. Dr^ª Luciana Salazar
Salgado
Co-orientação: Prof^ª. Dr^ª Cristine
Gorski Severo*

SÃO CARLOS

2013

ANA ROSA LEME CAMARGO

**A EXPLOSÃO DISCURSIVA DO FENÔMENO HARRY POTTER E O
FUNCIONAMENTO DO PODER**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras para
obtenção do título de licenciado em Letras. Universidade Federal de São Carlos.**

Data da defesa: 29/01/2013

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Dr^a Luciana Salazar Salgado

Universidade Federal de São Carlos

Co-orientadora: Dr^a Cristine Gorski Severo

Universidade Federal de Santa Catarina

Examinadora: Dr^a Mônica Baltazar Diniz Signori

Universidade Federal de São Carlos

Este trabalho é dedicado aos meus companheiros de travessia: Mônica, Talita, Adriana, Rogério, Drielle, site *Potterish* e a quem mais deixou a magia entrar em sua vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus pais por sempre percorrerem todos os caminhos ao meu lado. À minha mãe por ter me ensinado as primeiras letras e a meu pai pela paciência.

Sou eternamente grata à Profª. Cristine por aceitar conhecer, de braços abertos, o universo dos fãs e das *fanfics*; à Profª Luciana que me ensinou muito em tão pouco tempo e à Profª. Rosa Yokota pelo apoio e ensinamentos.

Quero agradecer também à equipe do Ish pela colaboração, torcida e especialmente pelo respeito à obra e aos fãs na cobertura das notícias.

Agradeço a todos meus leitores do Fanfiction.net que, com o tempo, passaram a fazer parte de minha vida.

Deixo meu agradecimento especial ao Danilo, pelos questionamentos infinitos que me motivaram a iniciar esta pesquisa e também por sempre ser, durante esses cinco anos, aquele do outro lado da linha telefônica.

Também quero agradecer a cada um dos amigos que fiz durante o curso:

À grifinória Talita, por compartilhar comigo links, lágrimas e risos.

À sonserina com coração lufa-lufa Adriana, por me fornecer bolachas e apoio quando foi necessário.

À sonserina Drielle, por estar sempre disposta a ajudar um amigo sem receber nada em troca.

E ao sonserino, com inteligência corvinal, Rogério, por ter confiado em mim e pelas inúmeras imitações que propiciaram momentos de riso memoráveis no ponto de ônibus.

Agradeço também à Priscila, minha desde sempre amiga, pelas risadas e por sempre me dizer a verdade e não o que quero ouvir.

Finalmente, agradeço à Mônica, minha primeira amiga *potterhead*, por desvendar comigo os mistérios do mundo das *fanfics*.

“Não existe bem nem mal, só existe o poder...” (ROWLING, J.K. *Harry Potter e a pedra filosofal* – p.248).

RESUMO

Em 1997, a britânica J. K. Rowling publicou a sua obra de estreia que logo começou a despontar na lista dos mais vendidos. Posteriormente a este acontecimento somaram-se os outros seis lançamentos dos livros da série e os oito filmes produzidos pela Warner Bros. Com o fim da série de livros e de filmes, J.K. Rowling em parceria com a Sony lançou, em 2011, o projeto *Pottermore*, um site gratuito onde o leitor pode desfrutar de conteúdos adicionais exclusivos, executar ações características dos personagens da história e adicionar usuários como amigos em uma espécie de rede social.

O universo criado por J.K Rowling reuniu ao seu redor, durante a sua primeira década de existência, o investimento do *Star System* e uma geração de fãs leitores conectados virtualmente e interessados em buscar informações sobre seu objeto de afeto e compartilhá-las entre seus pares, gerando, assim, uma explosão discursiva em torno do fenômeno. Mesmo após o encerramento dos livros e filmes, há ainda uma ampla quantidade de discursos circulando em torno de Harry Potter.

O que se propõe neste trabalho é, a partir das teorias de cunho foucaultiano, entender como se articulam as relações de poder entre a indústria do entretenimento e os fãs a fim de se compreender a sua importância para a franquia em questão.

Palavras-Chaves: poder, discurso, cultura de fã, internet

ABSTRACT

In 1997, the British author J.K.Rowling published her first book which soon began to dawn on the bestsellers list. After this event, the other six sequence books and the eight movies produced by Warner Bros were released. By the end of the book and movie series, J.K.Rowling in a partnership with Sony, released the Pottermore project in 2011. Signing up for Pottermore, a free website, the reader can enjoy additional exclusive content, perform typical actions of the story characters and add users as friends in a kind of social network.

The universe created by JK Rowling gathered around it, during its first decade of existence, the investment of the Star System and a generation of fans virtually connected. The readers' interest in seeking and sharing information among their peers generated a discursive explosion around the phenomenon. Even after the completion of the books and movies, there is still a large amount of circulating discourses about Harry Potter.

Based on Foucault theories, this paper will articulate the power relations between the entertainment industry and the fans in order to understand the identity constitution of a given fan culture and its importance to the franchise in question.

Keywords: discourse, power, fan culture, internet

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig. 1: Triângulo do modelo de intertextualidade segundo ECO (2003).

Fig. 2: Representação gráfica da publicação de fanfics do fandom Harry Potter no FFN em 2005.

Fig.3: Fluxograma das relações de poder.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FFN: Fanfiction.net

DIY: *Do it yourself* (Faça você mesmo)

W.B.: Warner Bros.

Wrock: Wizard Rock

SUMÁRIO

RESUMO	6
ABSTRACT	7
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	8
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	9
1. Introdução ao problema e metodologia de abordagem	11
2. Sobre o Fenômeno Harry Potter	13
3. Instrumentos para análise	19
3.1 Poder-lei	19
3.2 Poder estratégico	20
3.3. Discurso	21
4. Análises	22
4.1 <i>Fan hits</i> e <i>fanfics</i> : as relações de poder e identidade de uma cultura de fã	26
4.2 As relações de poder e o panóptico no <i>Pottermore</i>	42
5. Considerações Finais.....	46
GLOSSÁRIO.....	48
ANEXOS.....	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	79

1. Introdução ao problema e metodologia de abordagem

Podemos entender a cultura de fã como uma expressão identitária que vem crescendo ao longo dos tempos, tornando impraticável ignorar o fato de que mudanças na forma de leitura de uma obra vêm tomando força. Os leitores fãs debruçam-se sobre aspectos da narrativa, como a construção de personagens e questões de tradução, produzindo um conteúdo informativo através da troca de conhecimento entre pares. Para além da busca pela informação, os fãs são responsáveis por criar um grande conteúdo de fabulação que amplia as possibilidades do universo ficcional, aumentando a expressividade da franquia.

Deste modo, a saga “Harry Potter” - dada a sua expressividade ao longo de mais de dez anos - foi delimitada como corpus de análise numa pesquisa que procura entender as relações de poder que permeiam a cultura de fã. O compartilhamento de informações, opiniões e manifestações artísticas marginais constitui o que os identifica como uma cultura de fã ou, no caso, uma *cultura Potter: o fandom*. Catalisado pela internet, o grande interesse dos fãs por um universo ficcional é o fator responsável não só pela criação de seus textos, mas também pelo investimento econômico da indústria de entretenimento na obra em questão, mantendo-a sempre em movimento.

O presente trabalho busca investigar relações de poder encontradas na cultura de fã – tanto em seu interior, quanto em seu relacionamento com os veículos de mídias oficiais – investigando os discursos produzidos no fenômeno Harry Potter, com base em noções teóricas de Michel Foucault (principalmente tendo como base as reflexões presentes nas obras “Microfísica do Poder” e “História da Sexualidade v.1”); além de pretender iniciar a construção de um registro histórico da cultura de fã no Brasil, mostrando como se diferenciou ou sofreu interferências da estrangeira.

Para melhor análise da heterogeneidade discursiva do fenômeno Harry Potter, o *corpus* é composto por materiais oficiais e não oficiais. No que tange ao discurso dos fãs, a coleta de dados incluiu o fã site brasileiro Potterish, as *fanfics* veiculadas no site Fanfiction.net, o livro *Harry e seus fãs* (como um relato da *webmistress* do “*The Leaky Cauldron*” Melissa Anelli sobre o fenômeno), a enciclopédia participativa on-line sobre cultura de fã *Fanlore* e entrevistas com fãs brasileiros realizadas através do envio de um

questionário on-line. O perfil dos entrevistados para a entrevista era o de um fã brasileiro membro de um fã site, uma vez que se pressupunha o engajamento dos mesmos em alguma atividade relacionada à cultura de fã, o que facilitaria traçar o perfil sócio-histórico do fenômeno Harry Potter no Brasil. Já o discurso oficial está representado pelo acesso ao site Pottermore e o site oficial de J.K. Rowling.

2. Sobre o Fenômeno Harry Potter

Quando o menino de onze anos, olhos verdes, óculos redondos e com uma cicatriz na testa em forma de raio surgiu na mente de sua criadora em uma viagem de trem entre Manchester e Londres no ano de 1990, o mundo ainda não havia experimentado um fenômeno literário que dividisse a lista dos mais vendidos do New York Times em oito partes¹, tornasse a sua autora bilionária² apenas por exercer o ofício de escritora e, principalmente, arrastasse uma legião de leitores a dedicar-se com tamanho apreço à leitura de uma obra durante uma década, os quais, alçados à categoria de fãs, produziram uma quantidade incalculável de materiais nos mais variados suportes, mantendo a obra sempre em movimento.

Após ter seu livro rejeitado por várias editoras, J.K. Rowling conseguiu publicar em 1997 no Reino Unido, pela Bloomsbury, o primeiro livro de uma série de sete: “Harry Potter and the philosopher’s Stone”. Contrariando a concepção de muitos, o livro nem sempre teve o suporte de uma forte campanha de marketing como a dos últimos anos. O fenômeno “Harry Potter” começou devido às recomendações feitas pelos leitores a seus conhecidos, por crianças a seus amigos e por livreiros autônomos a seus clientes. A partir daí, a mídia voltou sua atenção para aquele livro infantil que estava vendendo consideravelmente bem para a categoria. Portanto, a franquia “Harry Potter” não nasceu no *star system*, mas foi assimilada por este após as publicações dos primeiros livros, potencializando a já crescente curiosidade dos fãs sobre os volumes seguintes da série, o que desencadeou uma explosão discursiva.

Para que o livro fosse publicado em solo norte-americano, Christopher Little, na época agente literário de J.K. Rowling, organizou um leilão pelos direitos sobre Harry Potter. A Scholastic deu o lance final de 105 mil dólares, o maior valor pago por um livro infantil ou a maior quantia recebida por um autor estreante na atualidade, segundo Anelli (2011). “Harry Potter and the philosopher’s stone” (“Harry Potter e a pedra filosofal”), então,

¹ Trata-se de uma expressão utilizada por Dinita Smith em *The Times Plans a Children’s Best-Seller List*, *New York Times*, 24 de junho de 2000 para fazer referência à divisão em categorias da lista dos livros mais vendidos do *New York Times*.

² Após realizar um ato beneficente na doação de milhões de dólares em 2012, J.K. Rowling saiu da lista de bilionário da Forbes.

passaria a se chamar “Harry Potter and the sorcerer’s stone” na versão estadunidense que seria publicada no ano seguinte.

O segundo livro, intitulado “Harry Potter and the chamber of secrets” (“Harry Potter e a câmara secreta”), foi publicado em 1998 no Reino Unido e obteve aceitação de público imediata, figurando, no final de dezembro do mesmo ano, na 16ª posição da lista de best-sellers do *The New York Times*. Segundo Anelli (2011), com o passar dos anos, os editores de livros voltados para o público adulto passaram a se preocupar com a longa permanência de “Harry Potter” nas primeiras colocações da lista. Ademais, os livros de “Harry Potter” estavam dando a oportunidade de outros títulos infantis³ figurarem na lista dos mais vendidos. Contudo, com o crescente sucesso da série e a previsão de mais alguns lançamentos dos livros de J.K. Rowling, o cenário mudou completamente:

No fim de junho de 2000, o New York Times anunciou que iria dividir sua lista de bestsellers e bestsellers para crianças. Ao lado da lista de bestsellers infantis agora haveria listas separadas para capa dura, livros de ficção, não ficção e livros de ‘autoajuda educativo e outros.’ (...) Harry Potter havia dividido a lista do *Times* em oito partes. (ANELLI, 2011, p.92)

Questionada em 2007 por Melissa Anelli sobre o real intuito da divisão da lista dos mais vendidos, J.K. Rowling declarou que “... a decisão foi tomada não porque eles achassem que deveria haver uma lista de livros infantis ou uma lista de livros para adultos, mas porque achavam que Harry Potter não deveria encabeçar a lista global de livros de ficção.” (ANELLI, 2011, p.93)

Assim, comentando o fenômeno “Harry Potter”, nas palavras de Anelli (2011, p.93): “em termos de anos Harry Potter, 1999 foi um ano notável, incandescente”. Dois eventos relacionados à obra de J.K. Rowling surgiram naquele ano em um curto espaço de tempo: a publicação do segundo livro nos EUA em 2 de junho e o lançamento, em 8 de setembro, de “Harry Potter and the prisoner of Azkaban”. O lançamento do terceiro livro foi caracterizado por uma mudança de marketing que fundou uma característica que acompanharia a série potteriana ao longo dos anos: o lançamento com data e hora marcadas. A decorrência de tal manobra comercial acarretaria em longas filas, livrarias abarrotadas de gente e uma explosão discursiva produzida pelo público e pela mídia sobre o objeto envolto em segredo.

³ *Bud, Not Buddy* de Christopher Paul Curtis e *The Legend of a Luke* de Brian Jacques são os títulos citados como exemplos por ANELLI (2011).

Entretanto, se os livros de J.K. Rowling já eram sucesso no Reino Unido e EUA, no Brasil a expressão “Harry Potter” aparece pela primeira vez na publicação de uma mídia impressa apenas em 1999. Curiosamente, este primeiro registro da expressão “Harry Potter” no acervo on-line da *Folha de S. Paulo*, datado de 26 de agosto de 1999, não está inserido em uma matéria sobre os livros, mas na menção do universo potteriano em uma resenha de filme⁴.

A primeira matéria efetivamente sobre Harry Potter na *Folha de S. Paulo* foi veiculada em 19 de fevereiro de 2000, ano da publicação do quarto livro (“Harry Potter and the goblet of fire”) no Reino Unido e EUA. Nesta matéria⁵, anunciava-se a chegada dos livros ao Brasil pela editora Rocco e o início das vendas de “Harry Potter e a pedra filosofal” no dia 10 de abril.

Ainda na recapitulação cronológica, o ano de 2001 trouxe a publicação no Reino Unido, para fins beneficentes, de dois livros utilizados como material escolar no mundo bruxo pelos estudantes de *Hogwarts*, a escola de magia que ambienta grande parte da história, e o lançamento nos cinemas do primeiro filme da série. Para o Brasil, esse foi o período em que muitas crianças e jovens tiveram acesso pela primeira vez ao mundo criado por J.K. Rowling:

Conheci HP quando tinha 10 anos e o primeiro filme foi lançado no cinema. (...) Acho que ganhei meu primeiro Harry Potter com 11 anos. Não tinha internet, mas lembro de ver muitos noticiários e jornais falarem sobre a série, principalmente sobre a estreia do filme. (Resposta de um fã entrevistado para a pesquisa em 01/03/2012)

Os filmes foram um fator importante para que os fãs brasileiros conhecessem Harry Potter; na época, o acesso da população brasileira à internet não era tão distribuído quanto nos EUA ou Europa, o que dificultou o acesso do público a lançamentos provenientes do exterior. A própria cobertura da mídia impressa brasileira acabou por ser um reflexo da acessibilidade da população à internet e à cultura de outro país, uma vez que apenas uma pequena parcela da população já tinha conhecimento sobre a série antes mesmo da sua chegada ao Brasil.

Enquanto J.K. Rowling escrevia o quinto livro da série em 2002, o segundo filme era lançado e poucos dias depois surgia no Brasil o *Potterish*, um site criado e gerido

⁴ <http://acervo.folha.com.br/fsp/1999/08/26/48/>

⁵ <http://acervo.folha.com.br/fsp/2000/02/19/21/>

por fãs e para fãs; o único em toda a América Latina a ser reconhecido pela autora de Harry Potter e, por isso mesmo, a receber o prêmio *JK Rowling Fansite Award*⁶ no ano de 2006. Nos EUA também começava a tomar força uma importante manifestação da cultura de fã: o *wizard rock*, encabeçado pelos irmãos DeGeorge com a banda “Harry and the Potters”.

“Harry Potter and order of phoenix” (Harry Potter e a Ordem da Fênix”), quinto livro da série, finalmente foi lançado no Reino Unido e EUA simultaneamente em 2003, o lançamento brasileiro parece começar a equiparar-se aos de língua inglesa, uma vez que acontece cinco meses depois.

Em 2004, J.K. Rowling renovou seu web site, tornando-o mais interativo, sendo utilizado pela autora para comunicar-se com o público. No meio daquele ano, foi lançado o terceiro filme da série – “Harry Potter and the Prisoner of Azkaban” (“Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban”). Em 2005, o livro “Harry Potter and the half-blood prince” (“Harry Potter e o Enigma do Príncipe”) foi lançado, bem como o filme referente ao quarto ano de Harry em *Hogwarts*, a escola de magia que o personagem frequenta. Já o ano seguinte, 2006, foi marcado por notícias do quinto filme e expectativas sobre o sétimo livro da série, até que em 21 de dezembro a porta “mágica” do site oficial de J.K. Rowling pôde ser aberta, revelando o título oficial da última história do bruxo: “Harry Potter and deathly hallows” (“Harry Potter e as Relíquias da Morte”).

O *Potterish*, em sua linha do tempo, descreve o ano de 2007 como “uma avalanche do fenômeno Harry Potter”. Vejamos o motivo: primeiramente, em 30 de maio foi anunciada a criação de um parque temático em Orlando baseado no universo potteriano, que efetivamente abriu suas portas em 18 de junho de 2010; posteriormente, já em 11 de julho, aconteceu o lançamento de “Harry Potter and the Order of Phoenix” (“Harry Potter e a Ordem da Fênix”) nos cinemas; após algumas semanas, mais precisamente no dia 21, às 0:01 horas, o mundo conheceu o desfecho da jornada de Harry Potter com o lançamento do sétimo livro. O livro traduzido para o português chegou ao Brasil em novembro daquele ano e algumas livrarias de São Paulo já estavam abarrotadas de fãs à espera de seu exemplar em inglês às 20 horas do dia 20. No ano seguinte, o sétimo livro continuou sendo publicado ao redor do mundo; a estreia do filme referente à obra “Harry Potter e o Enigma do Príncipe” foi adiada e J.K. Rowling lançou “The tales of Beedle, the bard” (“Os contos de Beedle, o bardo”), tendo sua renda voltada para a caridade. Após um ano de espera, em 18 de novembro de 2010, os

⁶ Os termos sublinhados estão no glossário.

fãs puderam assistir a “Harry Potter e as Relíquias da Morte parte 1”. A continuação do desfecho cinematográfico da série foi lançada em 15 de julho de 2011, quebrando recordes de público, alcançando a marca de 1 bilhão de dólares, sendo a terceira maior bilheteria da história.

O ano de 2011 não foi marcado somente pelos feitos da série no cinema. Um mês antes da estreia do filme, um novo projeto de J.K. Rowling agitou os fãs: foram divulgadas dez coordenadas de alguma localidade do globo em nove fã sites⁷ ao redor do mundo e na conta oficial do projeto no *twitter*; a descoberta da localização dessas coordenadas, através do *Secret Street View*, levava também a uma letra. As coordenadas foram sendo reveladas entre os dias 15 e 16 de junho, para que no final fosse descoberta a palavra “*pottermore*”. Mas apenas conhecer o nome não bastava para ter acesso garantido ao site. Nada havia sido explicado aos fãs, que começaram a traçar as mais diversas possibilidades sobre a finalidade do projeto. Para potencializar a produção de teorias dos fãs sobre o *Pottermore*, um contador regressivo de uma semana foi lançado na conta oficial do projeto no *Youtube*⁸.

No dia 23 de junho de 2011, o vídeo explicativo sobre o projeto on-line de J.K. Rowling foi lançado e os fãs finalmente puderam saber mais sobre a finalidade do *Pottermore*. O lançamento oficial do site foi em outubro. Basicamente, o *Pottermore* é uma experiência virtual voltada para leitores e fãs de “Harry Potter”; o site proporciona ao seu usuário acesso a conteúdos exclusivos sobre a história e ele pode vivenciar partes deste universo. O *Pottermore* também pode ser visto como uma espécie de rede social, uma vez que possibilita ao usuário adicionar outro usuário em seu perfil.

Após o famoso “anúncio do anúncio” do dia 23, é lançado o desafio “Magic Quill” no período de 31 de julho a 06 de agosto, sendo a prova de seleção para a escolha de 1 milhão de usuários betas, responsáveis por ajudarem a equipe do *Pottermore* no desenvolvimento do site com seus *feedbacks* antes que o site fosse aberto ao público. O desafio consistia no lançamento de uma pergunta, sem horário previsto, na página inicial do *Pottermore*. Quem desejasse ter o acesso prévio deveria responder à questão o mais rápido possível, enviando a resposta através de uma URL presente na página inicial do *Pottermore*,

⁷ Os fãs sites escolhidos para esta fase de divulgação do *Pottermore* foram aqueles que haviam percebido indícios sobre este projeto de J.K. Rowling há anos. Entre estes fãs sites está o brasileiro “Clube do Slugue”.

⁸ <http://www.youtube.com/user/jkrowlingannounces>.

que, por sua vez, levaria a um segundo site oficialmente relacionado a “Harry Potter”. Uma vez nesse site, seria necessário encontrar a pena mágica para que a página de cadastro de conta do *Pottermore* fosse aberta.

Enquanto o acesso se restringia aos usuários betas, o *Pottermore* utilizava seu blog oficial (*Pottermore Insider*) para divulgação pública e lançamento de questionários para os usuários beta. Em 14 abril de 2012, depois de muita espera e prorrogações de prazos, o *Pottermore* se abriu ao público, estando disponível em várias línguas: inglês, espanhol, francês, italiano e alemão.

Pouco antes da abertura do *Pottermore*, no dia 4 de abril de 2012, o site *Potterish* noticiou a arrecadação de 1 milhão de libras com a venda dos e-books no *Pottermore*. A *Pottermore Shop* havia sido inaugurada em 27 de março e já estava ultrapassando as expectativas de vendas de seus produtores. Em uma matéria anterior do site *Potterish*, datada de 1 de abril de 2012, sobre o assunto, chama-se a atenção para uma possível revolução no mercado dos e-books:

Se a loja do Pottermore se provar um sucesso, é provável que logo vejamos outros autores se espelhando no negócio de Jo Rowling, já que ter uma loja própria para vender seus livros aumenta muito os lucros do autor, podendo diminuir o poder que a *Amazon* atualmente exerce no mundo dos e-books, onde atualmente é a pioneira.

Frente a tantos acontecimentos após o lançamento do último livro e filme, parece ficar mais distante a ideia de um fim do fenômeno Harry Potter, como muito se noticiou à época. Nas palavras de um dos fãs entrevistados para esta pesquisa, “Harry Potter é algo que está sempre em movimento”. Esse movimento de “Harry Potter” não é casual, mas gerado pelo interesse do fã pela obra, que passa a ser política e economicamente investido.

Tendo feito esta contextualização sócio-histórica do fenômeno Harry Potter, na próxima seção discutiremos a natureza do incessante interesse e investimento em “Harry Potter”.

3. Instrumentos para análise

Primeiramente, é importante ressaltar que Foucault não escreveu uma teoria sobre o poder. O que ele propôs, ao longo de seus trabalhos, foi uma “‘analítica’ do poder” que serve como “uma definição do domínio específico formado pelas relações de poder e a determinação dos instrumentos que permitem analisá-lo” (FOUCAULT, 1993, p.80). O que se pretende aqui é fazer uso das reflexões de Foucault acerca do poder e aplicá-las no contexto da cultura de fã.

Foucault (1993, p.89-92) entende que o poder não é um conjunto de instituições estatais, não se resume à lógica da dominação. Estas são formas como o poder se manifesta. O poder é onipresente e se caracteriza por um jogo de lutas contínuas, não sendo, portanto, de caráter binário. Ninguém tem o controle sobre o poder, pois ele circula em rede e atravessa os indivíduos. Um dos efeitos do poder é a resistência, e está sempre localizada no interior do poder e nunca fora dele, pois somos atravessados pelas relações e não há uma forma de escaparmos.

Dentre todas as características do poder, é fundamental para a análise desta pesquisa que se contemplem mais detalhadamente dois aspectos do poder: o poder-lei e o poder-estratégico.

3.1 Poder-lei

O poder-lei é o dispositivo de poder da interdição, da censura e dos limites; constituído por cinco aspectos apresentados por Foucault (1993, p.81-82) e assim interpretados por Severo (2009, p.22-23):

- a) A relação negativa: é o poder atuando através do mascaramento, da exclusão e do impedimento.
- b) A instância da regra: o poder age por meio de regras que ditam o que é permitido e o que é proibido.
- c) O ciclo da interdição: também é, como o próprio nome sugere, uma força de interdição, mas esta ocorre de modo mais explícito de tal maneira que o proibido só possa existir na sombra, no oculto e no segredo.

- d) A lógica da censura: existem três modos de interdição: o ilícito (o não permitido), o informulável (o que não se pode dizer) e o inexistente (o que tem a sua existência negada). O mecanismo de censura articula estes três modos de interdição de maneira que “cada um seja, ao mesmo tempo, princípio e efeito do outro” (FOUCAULT, 1993, p.82).
- e) A unidade do dispositivo: é o poder visto como lei - concernente ao campo do jurídico – que atravessa todas as instituições, censurando e impondo proibições.

3.2 Poder estratégico

Se o poder-lei interdita e impõe um silenciamento por meio da censura, pode-se acreditar que seria possível fugir do poder ao permanecermos escondidos, protegidos pelo segredo. Contudo, crer na possibilidade de fuga é mais um dos efeitos do poder. É essa ideia de “ocultar-se” que faz do poder algo que se consiga suportar, pois “sem dúvida que estamos todos armadilhados por todas as formas de poder, inclusive por aquela que produz prazer – é impossível fugir do poder da mesma maneira que é impossível fugir das relações, dos discursos, das formas de subjetividade...” (SEVERO, 2009, p.23). O poder estratégico é este prazer que, ao contrário do poder-lei, incita à fala. Vejamos seus quatro aspectos principais, segundo Foucault (1993, p.93-97) na leitura de Severo (2009, p.23-25):

- a) Regra da imanência: refere-se ao poder no campo das ciências, de modo que se insira algum tipo de saber que se sustentará através de um discurso de verdade.
- b) Regra das variações contínuas: aqui o poder não está centralizado em uma figura ou instituição, mas possui mobilidade. Não é possível fixar o poder, pois este circula e não se prende a um indivíduo, mas a qualquer um.
- c) Regra do duplo condicionamento: a presença de alguma homogeneidade ou do binômio dominante > dominado não existe. Há uma articulação entre o micro e o macro, de tal maneira que um não determine ou anule o outro.
- d) Regra da polivalência tácita dos discursos: entende-se que os discursos não são divididos entre o grupo dos aceitos e dos excluídos, mas como pertencentes a uma estratégia, sendo possível, inclusive, sua circulação em

diferentes estratégias. Um ponto importante dessa regra é que os discursos não estão ligados às instituições legais.

3.3. Discurso

Se o poder também opera sobre os discursos, constituindo sua circulação e controlando-os segundo sua lógica, uma definição do que neste trabalho se entende por discurso se faz necessária.

O discurso é muito mais do que uma simples coletânea de textos que referenciam um ponto no tempo e no espaço, mas é o que vincula língua e mundo:

Um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em dada época, e para uma área social, econômica e geográfica ou linguística dada, as condições de exercício e função enunciativa. (FOUCAULT, 1986, p.136 *apud* Maingueneau, 2008, p.16)

Maingueneau (2008, p.17), considerando as formulações de Foucault, faz um contraponto entre a noção de “língua” estudada por Saussure e de discurso que é importante para analisar a cultura de *fã*: se o primeiro conceito é formado por uma série de “jogos de restrições” que implicam na “impossibilidade de se dizer tudo”, o discurso tem uma parte de seu dizer acessível, a outra constitui-se na representação identitária de um certo grupo social em um dado espaço e tempo.

4. Análises

“Harry Potter” é uma das franquias mais bem sucedidas de toda história, e tal sucesso pode ser medido através da circulação da obra por diferentes suportes: A história narrada em livros é tanto adaptada para o cinema, como está disponível em jogos de computador e consoles, culminando na experiência on-line do projeto *Pottermore*. Essa mobilidade de um conteúdo entre suportes midiáticos diferentes é definida por Jenkins (2009, p.29) como o fenômeno da “convergência midiática”:

(...) refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos através dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam.

Tendo a internet como catalisadora de uma mudança da maneira de encarar o público-alvo de uma produção cultural, surge a demanda por um público que é mobilizado, pela natureza interativa das novas mídias, a abandonar a postura passiva da recepção de conteúdo, passando a buscá-lo, e até a produzir o seu próprio entretenimento:

(...) então em 1999, aqueles que tinham lido os livros aos nove anos agora estavam com as idades entre 11 e 12 anos. Aqueles que começaram aos dez, ou 11, ou 12, agora eram pré-adolescentes ou adolescentes. Só na América a dedicação a Harry Potter estava crescendo aos saltos, se multiplicando (...) e se alimentando de si mesma para fazê-lo, e crianças daquela idade eram as mesmas que tinham probabilidade de distribuir informações na internet ou formar redes sociais on line. (ANELLI, 2011, p.111)

Se o senso comum diz que os fãs são uma massa consumidora que recebe sem questionar o conteúdo produzido pela indústria do entretenimento, a cultura colaborativa nos mostra que é justamente esta parcela do público a mais engajada na busca e questionamento de informações. Para exemplificar, vamos utilizar a coluna “O que você disse, Hagrid?” publicada no *Potterish* em 19 de março de 2011. No texto, os fãs analisam e comentam os seguintes aspectos concernentes à tradução da fala de um personagem do inglês para o português: o que se perde na caracterização do personagem e o motivo e as dificuldades da escolha pela norma culta feita pela tradutora. Assim, a troca de conhecimento proporcionada pela discussão entre fãs de uma obra é mais uma característica da convergência:

A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em

suas interações sociais com consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana. Por haver mais informações sobre determinado assunto do que alguém possa guardar na cabeça, há um incentivo extra para que conversemos entre nós sobre a mídia que consumimos. Essas conversas geram um burburinho cada vez mais valorizado pelo mercado das mídias. (JENKINS, 2009, p.30)

Esse aspecto da convergência é importante para que entendamos um conceito fundamental na cultura de fã: o *fandom*. O *fandom* é formado por tudo o que contempla a esfera de interesse dos fãs, estando fora ou dentro do universo on-line: suas produções (*fanfics*, RPG, *fan hit*, *fanvideos*, fã sites etc.), bem como os materiais oferecidos pelo discurso oficial (o universo ficcional, vídeos de eventos ou promocionais, projetos, produtos etc). Mas o *fandom* é, antes de tudo, constituído por indivíduos; uma expressão dos discursos em torno de um universo ficcional produzido na troca de conhecimento entre os que compartilham o interesse comum por um dado objeto cultural. Esse encontro de experiências resulta em uma grande produção de materiais que se desdobra em diferentes manifestações. Os fãs compartilham entre si seu conhecimento e interesse sobre o universo ficcional através de convenções, redes sociais ou portais relacionadas ao *fandom*, como os fã sites.

Se por um lado os fãs precisam do produto que o mercado de entretenimento lhes vende para criar seus próprios materiais, a indústria acaba absorvendo essa produção e até incentivando o surgimento de discursos sobre a obra. Por outro lado, munidas do *copyright*, as empresas detentoras dos direitos dos produtos passam a poder exigir oficialmente a retirada de circulação das produções do *fandom*. Os fãs, por sua vez, resistem às ações jurídicas e continuam com suas criações de forma marginal, utilizando a internet como um dos principais meios para burlar o poder jurídico das empresas; unindo-se através de mobilizações como a liderada por Heather, a qual será apresentada posteriormente. Deste modo, podemos compreender as relações de poder que se estabelecem entre a indústria de entretenimento e seu público a partir das reflexões de Foucault (1993) sobre a microfísica de poder, que não são lineares, mas consistem em uma correlação múltipla de forças inscritas em um mesmo domínio; sendo este, no caso, a internet. Mostraremos mais detalhadamente a seguir como se dão as relações de poder no *fandom* de “Harry Potter” e entre este e seus representantes oficiais.

Para além de uma produção de fã, um fã site tem grande importância dentro do *fandom*, sendo responsável pela distribuição e o armazenamento de conteúdo relacionado ao

universo ficcional de interesse. Seja em caráter internacional ou em cada país, há um ou mais fãs sites que recebem destaque, dentre os muitos do *fandom*, devido ao reconhecimento dos fãs pela qualidade do conteúdo postado. No caso do *Potterish*, *MuggleNet* e *The Leaky Cauldron*, soma-se o prêmio concedido por J.K. Rowling em agradecimento à qualidade do trabalho e respeito com sua obra.

O Brasil possui atualmente quatro grandes fãs sites em torno dos quais o *fandom* de Harry Potter se reúne: o *Potterish*, o *Potter Heaven*, o *Scar Potter* e o *Clube do Slugue*, criados ao longo dos anos de 2002 e 2008. Nos Estados Unidos, os fãs sites mais importantes referentes ao universo potteriano nasceram por volta dos anos de 1999 e 2000: o *MuggleNet* e o *The Leaky Cauldron*. Além dos fãs sites maiores, há os que não sejam tão famosos entre os fãs. Geralmente são criações rescentes, utilizando-se da plataforma de blogs, que levam um tempo para conquistarem um público estável, ou acabam saindo do ar devido ao pouco acesso.

Contudo, no início da efervescência das atividades on-line dos *potterheads* estadunidenses e ingleses, houve um embate entre os fãs e a indústria de entretenimento (Warner Bros. – doravante WB) devido às distintas concepções sobre autoria de cada grupo. Essa disputa autoral pode ser melhor compreendida à luz da afirmação de Foucault sobre os direitos autorais:

os textos, os livros, os discursos começaram efetivamente a ter autores (...) na medida em que o autor se tornou passível de ser punido, isto é, na medida em que os discursos se tornaram transgressores”, instaurando-se “um regime de propriedade para os textos (FOUCAULT, 1992, p.46).

Anelli (2011, p.114-115) relata que crianças e adolescentes donas de fãs sites sobre Harry Potter foram intimadas formalmente através de cartas provindas da Warner Bros. a suspenderem as atividades em seus *sites*, causando-lhes um susto e um não entendimento do motivo daquele cerceamento. Tal episódio ganhou destaque na mídia, o que gerou uma propaganda negativa para a WB. Após o relato de Anelli (2011) sobre o episódio, pode-se ponderar que a grande proporção nunca antes vista que tomou uma franquia infanto-juvenil, intensificada por um período inédito de popularização ao acesso à internet, colocou os executivos da WB. frente a um fenômeno incomum, o qual trataram de maneira usual e que possibilitou a emergência da *PotterWar*, uma disputa entre a WB. e os fãs. A questão dos direitos autorais envolvendo a franquia Harry Potter veio, então, à tona, bem como a punição

dos fãs e de seus sites, quando “a web tornou visíveis acordos tácitos que possibilitaram a coexistência entre a cultura colaborativa e a cultura comercial durante boa parte do século 20.” (JEKINS, 2009, p.194).

A *PotterWar* talvez não caminhasse para um fim se não fosse a iniciativa de Heather Lawver, uma jovem de 14 anos que, insatisfeita com a postura da Warner Bros., decidiu fundar um movimento em defesa dos fãs potterianos, criando a organização “*Defense Against Dark Arts*”. Nos dizeres de seu site (www.dprophet.com) sobre a organização, Heather informa a seus leitores suas impressões sobre atitude da WB.:

Há forças das trevas em ação, piores do que Aquele-cujo-nome-não-pode-ser-dito, porque essas forças das trevas estão ousando nos tirar algo tão básico, tão humano, que é quase um assassinato. Estão nos tirando a liberdade de expressão, a liberdade de exprimir nossos pensamentos, sentimentos e ideias, e estão tirando a diversão de um livro mágico. (apud JENKINS, 2009, p. 260).

A fala de Lawver faz vir à tona, em meio à contenda entre a WB. e os fãs de Harry Potter, os efeitos de um poder jurídico que, segundo Foucault (1993, p.81-82), opera de forma negativa: proibindo, recusando, excluindo e rejeitando. Contudo, não devemos pensar os direitos autorais como a gênese do poder, mas, sim, tomar as leis como suas “formas terminais” (FOUCAULT, 1993, p.88). Se, por um lado, a *PotterWar* evidencia um tipo de poder jurídico, negativo e vertical, por outro, todo o processo de explosão e consolidação do fenômeno Harry Potter revela uma outra dinâmica de poder, mais sutil, positiva e produtora de discursos, verdades, subjetividades e formas de ver o mundo. A atitude dos fãs liderados por Lawver de se oporem às exigências da WB. fez com que os executivos da empresa acatassem aquele movimento on-line, que a certa altura já havia tomado destaque em outras mídias, e decidissem por rever seu posicionamento. Este episódio nos revela que “onde há poder há resistência” (FOUCAULT, 1993, p.91). Isso porque, segundo Foucault (1993, p.91), não há como nos imaginarmos externos aos poder.

Se os primeiros fãs sites do *fandom* de Harry Potter sofreram ou acompanharam de perto o embate entre o discurso oficial e o dos fãs, os fãs sites brasileiros, criados posteriormente se beneficiaram de um cenário mais pacífico e aparentemente livre para as produções dos fãs. Contudo, mesmo nesse período pós *PotterWar*, o episódio ainda reverbera no *fandom* de Harry Potter, segundo um dos fãs entrevistados:

Pouco antes de ganharmos o prêmio “FanSite Awards” da autora J.K. Rowling, recebemos um e-mail do site dela falando que eles queriam manter contato, então saímos colocando uma nota em todas as nossas páginas alertando que HP era propriedade deles e tal, achando que poderiam estar abrindo um processo contra o site, porém acabou sendo o prêmio em si. O máximo que aconteceu foi termos a nossa conta do YouTube deletada umas 5 vezes porque os vídeos não eram nossos, o que nos levou a criar a nossa galeria de vídeo em servidor próprio..

Não foram somente os fãs sites a serem afetados por um poder jurídico; outras produções de fãs, como o *fan hit* (*wizard rock*) e as *fanfics*, sofrem com as questões de direitos autorais, além de estarem inseridas em outras relações de poder. Veremos a seguir como o poder transita por cada uma dessas produções de fã.

4.1 *Fan hits* e *fanfics*: as relações de poder de uma cultura de fã

No ano de 2002, na casa dos irmãos DeGeorge, nos Estados Unidos, começava, em uma brincadeira entre amigos, a banda que seria considerada uma das precursoras do *wizard rock* (wrock): “Harry and the Potters”. Mais do que cantar canções inspiradas no universo potteriano, Paul e Joe DeGeorge, em seu projeto, se pautavam nas ideologias e valores que acreditavam estarem presentes nos livros de J.K. Rowling:

Harry Potter nunca tocaria em um show que fosse proibido para crianças, nem ajudaria a vender álcool. Harry Potter nunca assinaria com o canal de promoções de eventos e vendas Live Nation. Harry Potter nunca se aproveitaria de seus ouvintes e fãs para vender mercadorias ou álbuns caros demais. Harry Potter lutaria contra as forças do mal e da indústria fonográfica como se elas fossem a mesma coisa. Harry Potter se tornou um sócio invisível dos Harry and the Potters, cujas escolhas morais ajudariam e orientariam as deles enquanto tentavam criar um nicho logo à esquerda da indústria musical. (ANELLI, 2011, p.136-137)

A crescente popularidade da banda mais uma vez chamou a atenção da W.B. para as produções de fãs; os irmãos DeGeorge receberam “uma carta da W.B. que dizia, com efeito, que eles estavam violando direitos autorais e marca registrada e que precisavam de uma conversa” (ANELLI, 2011, 142). A situação que parecia propensa a dar início a uma nova *PotterWar* não chegou a ganhar tanta visibilidade. Isso porque, como conta Anelli (2011, p. 142-143), a W.B., já experiente com aquele tipo de episódio envolvendo fãs de Harry Potter, entrou em um acordo verbal com Paul e Joe. Os irmãos DeGeorge aceitaram retirar todos os produtos, com exceção dos CDs, da sua loja virtual e sustentarem a banda

apenas com o dinheiro dos ingressos para shows e a venda de camisetas e demais produtos durante a apresentação.

Ao narrar a história do acordo entre os Harry and the Potters e a W.B., Anelli (2011, p.142) afirma que os irmãos DeGeorge assumiram uma postura punk por lutarem contra uma grande empresa da indústria do entretenimento. Estabelecendo as diferenças óbvias de contexto histórico entre o wrock e o punk rock, pode-se afirmar que o ponto de encontro entre o rock realizado por *potterheads* e o movimento punk está, para além da resistência a uma corporação, no conceito do “Do it yourself”. Para o punk, o DIY é uma das bases do movimento, conforme o relato abaixo:

Não precisamos depender dos ricos homens de negócios para organizar a nossa diversão e lucrar com ela – podemos fazê-lo nós mesmos, sem visar ao lucro. Nós, punks, podemos organizar shows e passeatas, lançar discos, publicar livros e fanzines, distribuir nossos produtos via mala direta, dirigir lojas de discos, distribuir literatura, estimular boicotes e participar de atividades políticas. (Veterans of Foreign Wars *apud* O’HARA, 2005, p.151)

Eram os próprios irmãos DeGeorge que escreviam as letras e criavam acompanhamentos com acordes simples. As camisetas da banda, estampando desenhos que poderiam ter sido feitos à mão, eram vendidas nos shows da banda ou em sua loja virtual, a qual operava de modo independente, não estando vinculada a qualquer *website* oficial da franquia Harry Potter. Deste modo, é possível afirmar que a “Harry and the Potters” foi um projeto criados pelos irmãos DeGeorge que se propagou pelo *fandom* e se manteve à margem de um discurso oficial.

A decisão à qual chegaram ambas as partes sobre as questões dos direitos autorais beneficiou os fãs de Harry Potter. Os “Harry and the Potters” trilharam o caminho que possibilitaria o surgimento de inúmeras bandas de wrock ao redor do mundo, somado a isto estaria o surgimento do *MySpace*:

Não parecia possível para o que estava rapidamente se transformando no gênero musical wizard rock se tornar um gênero em que alguém, exceto os Harry and the Potters, pudesse se apresentar profissionalmente. Mas então veio o MySpace. Já em 2005, o site de rede social estava (...) reunindo mais de 25 mil usuários por dia. (...) Exatamente como em 2000 o amadurecimento da internet cutucou o *fandom* principiante de Harry Potter levando-o a sair do ninho, o MySpace instava o wizard rock a adquirir consciência (...). (ANELLI, 2011, p.145)

Outra parte da cultura de fã a ser afetada pelo poder-lei através das questões envolvendo o *copyright* (como a *PotterWar*) são as *fanfics*. As *fanfics*, ou *fanfictions*, são (re)escritas livres produzidas por fãs leitores de um determinado texto-fonte⁹ (livros, filmes, jogos, séries, desenhos animados, mangás etc). Na definição de tal expressão feita por Jenkins (2009, p.380), percebe-se que o conceito central, o qual molda sua descrição de tal prática de escrita, está embasado justamente no poder-lei que delimita a propriedade autoral:

termo que se refere, originalmente, a qualquer narração em prosa com história e personagens extraídos dos meios de comunicação em massa, mas rejeitada pela LucasArts, que, em suas normas para produtores e diretores de filmes digitais, exclui qualquer obra que procure “expandir” seu universo ficcional.

Práticas como reescrituras e continuação dos cânones¹⁰ já ocorriam como caminho para a boa escrita e a boa literatura. Um exemplo é o aparecimento, em 1614, da segunda parte de *Don Quijote* escrita por Alonso Fernández de Avellaneda. Miguel de Cervantes, não satisfeito com a obra de Avellaneda, decidiu-se por dar continuação a sua história que seria “*cortada Del mismo artífice y Del mismo paño que la primera*” (CERVANTES, 2004, p.561) e matar o personagem principal para evitar outras continuações de suas histórias. Em períodos como o Renascimento, a reescrita de obras que se tornaram famosas era uma prática comum e não tinha uma perspectiva pejorativa ou criminosa:

(...) o conceito de imitação, característica essencial da estética clássica, passou a ter sentido depreciativo só a partir do Romantismo. Na época barroca, como a Renascença, era comum trilhar o caminho aberto por outros, explorando a invenção de um tema ou a criação de uma personagem, que se tornara famosa. (D’ONOFRIO, 1990, p. 276)

Deste modo, as reflexões de Foucault (1992), aqui citadas, sobre o surgimento do conceito de autoria contribuem para que se tenha um marco temporal em que as *fanfics* possivelmente se efetivaram como gênero marginal em relação à consolidação dos gêneros canônicos, uma vez que o aspecto identitário proveniente da reescrita de textos-fontes acontece na medida em que o poder-lei opera de modo a marginalizar tal prática, surgindo então a resistência. Assim, é inviável ter conhecimento sobre a data de criação da primeira *fanfic* ou o nome desta, uma vez que esse tipo de ficção, depois de escrita, em épocas

⁹ Há um tipo de *fanfic* que se baseia na vida de uma pessoa real, seja ela famosa ou não. Segundo o *Fanlore*, esta modalidade foi proibida no Fanfiction.net em 2001.

¹⁰ A definição de cânone aqui é extraída de CHARTIER (1998, p.207) como sendo um “elenco de obras ou autores propostas como norma, como modelo.”

anteriores ao final do século XX, veiculava por um meio de divulgação que atingia um número restrito de pessoas: os *fanzines*. Aqui, entende-se os *fanzines* como sendo:

Projetos pessoais que se concretizam através da publicação em máquina fotocopadoras (...) ou gráficas rápidas. Com tiragens pequenas, que podem variar de 10 a 3.000 exemplares, são pequenas mídias e, se comparadas aos veículos de grande imprensa, são mídias minúsculas. É um veículo de comunicação que serve como suporte para uma mensagem com potencial de tornar-se vetor de uma rede de interlocutores de determinado assunto. É também uma obra de arte em si, dado seu caráter pessoal, artesanal e criado dentro de uma proposta estética. (MEIRELES, 2008, p.10 *apud* MUNIZ, 2010, p.15-16)

Assim como as *fanfics* on-line, os *fanzines* são “tradicionalmente produzidos e difundidos às margens dos circuitos profissionais e comerciais de escrita e leitura, (...) atuam como elos de laços sociais e veiculam afetos e estéticas particulares” (MUNIZ, 2010, p.16).

Muniz (2010, p.18-19) analisa os *fanzines* sob a perspectiva da ética foucaultiana, entendendo tal prática como manifestação das “artes da existência” de Foucault, sendo, portanto, a escrita dos *fanzines* “uma prática de invenção de si, com a qual os indivíduos se constituem e se reconhecem como sujeitos aos experienciarem a função de autoria” (MUNIZ, 2010, p.19)

Foram com os *fanzines* de *Star Trek: The Original Series*¹¹ que as *fanfics* consolidaram-se como prática de uma cultura, uma vez que expressões do contexto *fanfiqueiro* como “*Mary Sue*”, o formato de siglagem para sinalização de um *ship* e a afirmação do *slash* surgiram nas ficções de fãs do *fandom trekker*.

Contudo, a grande popularização das *fanfics* ocorreu ao final do século XX e foi concomitante e decorrente de dois outros fenômenos: (i) a web 2.0 e (ii) a saga escrita por J.K. Rowling:

outro fenômeno estava evoluindo lado a lado com os livros de Harry Potter, perto de realizar seu próprio potencial como a coisa que mudou tudo que conhecemos sobre tudo. Eles ascenderiam juntos e se encontrariam, e o impacto de um sobre o outro seria incomensurável. (...) Harry Potter estava às vésperas de se tornar um grande amigo da internet. (ANELLI, 2011, p.94)

Jenkins (2009, p.194) aponta, como já mencionado, a internet como o fator responsável pela visibilidade das práticas já existentes da cultura de fã. Em todo caso, parece importante fazer uma breve reflexão sobre os conceitos de “internet” e “web 2.0”. Entende-se,

¹¹ Originalmente com o título “*Star Trek*”, a primeira série do universo *trekker* posteriormente adquiriu o nome “*Star Trek: The Original Series*” para distinguir-se das produções subsequentes.

aqui, que “a internet nasceu na encruzilhada insólita entre a Ciência, a investigação militar e a cultura libertária” (CASTELLS, 2004, p.34), sendo sua utilização, em seus primórdios, vinculada às grandes universidades ou aos órgãos estatais. Na segunda metade da década de 1980, há um indício de uma mudança significativa no cenário de uso da internet:

O carácter aberto da arquitectura da internet constituiu a sua principal força. O seu desenvolvimento auto-evolutivo permitiu que os utilizadores se convertessem em produtores de tecnologia e em configuradores de rede. Como se revelou bastante simples juntar vários nós, os custos mantinham-se consideravelmente baixos e o *software* estava aberto e disponível; desde meados dos anos 80 (...), qualquer pessoa com conhecimentos técnico suficientes tinha potencialmente capacidade de entrar na internet. (CASTELLS, 2004, p.45-46)

Para ilustrar o carácter popular que a internet começava a tomar, Castells (2004, p.20) nos conta que, em 1999, tendo desembarcado em Bogotá, se deparou com a seguinte manchete do *El Tiempo*: “Novos usos da internet na Colômbia”. Inicialmente, o autor pensou tratar-se de uma melhora na situação de violência que o país vivia à época, no entanto o que se noticiava era uma série de quadrilhas de sequestradores que se utilizavam da internet para espalhar suas ameaças e retirarem dinheiro das vítimas. Os crimes virtuais que começaram a surgir no ano de 1999 na Colômbia, exemplificam, assim, como a internet reflete e acentua as práticas já existentes em um dado contexto de uma sociedade, isso porque:

A internet não é uma utopia, nem uma distopia, é o meio em que nos expressamos – através de um código de comunicação específico que devemos compreender sem pretendermos mudar a nossa realidade. (CASTELLS, 2004,p.21)

A internet que começa a chegar aos usuários em 1995 tem sucesso devido ao diálogo que a interface proporciona entre a máquina e aos usuários. Aqui, entende-se interface por:

(...) *softwares* que dão forma à interação entre usuário e computador. A interface atua como uma espécie de tradutor sensível para a outra. (...) Um computador pensa – se pensar é a palavra correta no caso – através de minúsculos pulsos de eletricidade, que representam um estado “ligado” ou um estado “desligado”, um 0 e um 1. Os seres humanos pensam através de palavras, conceitos, imagens, sons e associações. Um computador que nada faça além de manipular sequências de zeros e uns não passa de uma máquina de somar excepcionalmente ineficiente. Para que a mágica da revolução digital ocorra, um computador deve também *representar-se a si mesmo* ao usuário, numa linguagem que este compreenda. (JOHNSON, 2001, p.17).

A abertura da internet a um grande contingente de usuários constituiu a mudança do caráter estático e impessoal das páginas para o dinamismo das informações, nas quais os próprios usuários têm a possibilidade de criação, seleção e edição. A web 2.0 é esse momento da internet no qual é possível a personificação na rede, as múltiplas ferramentas sociais, nivelando o acesso à expressão dos usuários na rede (sejam estas pessoas físicas ou órgãos públicos).

A web 2.0 potencializou a produção de *fanfics*. Tornou-se possível para um *ficwriter* publicar suas obras para um público bem maior, sendo que suas histórias poderiam ser lidas em qualquer parte do mundo. Consequentemente, o acesso às *fanfics* foi facilitado e o número de leitores se multiplicou, bem como o de *ficwriters*. Para divulgarem as *fanfics*, alguns fãs criaram sites, que é o caso do Fanfiction.net (FFN), mas, atualmente, as *fanfics* já invadiram outros contextos virtuais. A ascensão da popularidade da série de livros juntamente com a internet possibilitou a popularização das *fanfics* através do meio virtual e, consequentemente, a explosão do número de *fanfics* potterianas. Possivelmente, o encontro destes dois fenômenos em expansão seja o motivo pelo qual Harry Potter é o *fandom* do FFN que abriga a maior quantidade de *fanfics* do que qualquer outro. Harry Potter não foi apenas mais um universo ficcional ao redor do qual os fãs se reuniram, ele abriu caminho para que a expressão de popularidade das *fanfics* dos *fandons*¹² sucedentes fosse maior do que de seus antecessores. A *explosão discursiva* é entendida aqui como o aumento expressivo da produção de um dado discursivo. No caso de Harry Potter, a explosão discursiva ocorre no momento em que dois fenômenos em ascensão se encontraram, uma vez que era a faixa etária do público para o qual as histórias se destinavam a responsável por alimentar o conteúdo em rede. Com isso – e devido à crescente importância que a web 2.0 tem nas relações sociais e na constituição das identidades – as *fanfics* tendem a ganhar cada vez mais leitores, escritores e conhecedores dessa prática.

Mas para que uma *fanfic* surja não é suficiente a produção de um texto com uma intertextualidade evidente, antes de tudo é necessária a figura do *ficwriter*. Para melhor compreensão, quatro casos serão estudados, sendo eles (i) O conto “*El fin*” de Jorge Luis Borges (ii) o *best-seller* “Cinquenta tons de cinza” escrito por E.L. James, (iii) o *mashup* de “O Alienista” de Machado de Assis publicado pelo selo “Lua de Papel” do grupo LeYa sob o

¹² Um *fandom* restringe-se aos interesses dos fãs de um dado universo ficcional, logo se há referência a outras obras de ficção utiliza-se o plural “*fandons*”.

título de “O Alienista caçador de mutantes”, de autoria de Natália Klein, e (iv) *fanfics* do *fandom* de Harry Potter disponíveis no FFN (doravante - FFN)¹³.

Como início de análise, ilustram-se os quatro exemplos acima mencionados segundo o modelo de triângulo da intertextualidade proposto por Umberto Eco (2003):

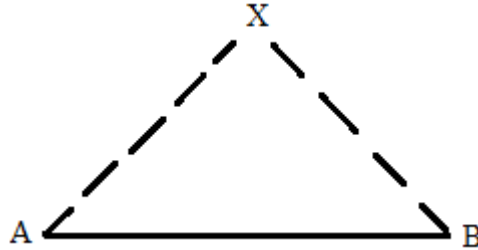


Fig. 1: triângulo do modelo de intertextualidade segundo ECO (2003)

Para Eco (2003, p.114), um dos casos de intertextualidade pode ser representado no triângulo acima, em que A representa o universo de origem que precede cronologicamente B, assim o autor de B irá encontrar em A uma cultura X que incluirá também em sua produção. No que diz respeito a nossas reflexões, podemos dizer que os quatro casos mencionados possuem a mesma estrutura intertextual¹⁴, e o que faz com que estas obras sejam alocadas em gêneros distintos são, sobretudo, as relações de poder e questões de identidade. Vejamos a comparação entre cada uma das três primeiras e as *fanfics* do *fandom* de Harry Potter disponíveis no FFN.

Embora os casos (i) e (iv) compartilhem da mesma estrutura intertextual - ambos os autores utilizaram um texto-fonte como base para criar um segundo, que, por sua vez, funciona como uma continuação alternativa do texto de origem - a distinção entre os textos se dá tanto pela forma como são postos a circular, como pela sua recepção: o primeiro é interpretado pelo saber literário-acadêmico como uma releitura de um cânone por um autor legitimado, enquanto o segundo é tido por uma comunidade de intelectuais como um texto proveniente de uma literatura “menor”, cujo autor, desconhecido, faz uso “indevido” de personagens e do enredo de um outro autor. Deste modo, fica evidente que o que faz com que (i) e (iv) sejam postos em classificações distintas são as manifestações do poder que circulam

¹³ Qualquer produção encontrada no Fanfiction.net cabe na análise aqui realizada, com exceção das ripagens e dos manifestos.

¹⁴ O termo “estrutura intertextual” toma por base ECO (2003) que afirma existirem três tipos de intertextualidade, das quais apenas uma foi utilizada.

nos discursos de saber da literatura, tornando a *fanfic* um gênero à margem e, por isso, passível de ser chamada de plágio.

Porém, a resistência pode, eventualmente, deslocar-se para o campo legitimado, como no caso (ii). Pode-se dizer que “Cinquenta tons de cinza” é considerado pelo *fandom* de *Twilight* como sendo “a *fanfic* que foi publicada”. Mas este movimento a partir do marginal para um contexto legitimado não é simples. A história que gerou polêmica e recordes de venda pode esconder, para seus leitores fora da cultura de fã, os traços que um fã leitor de *Twilight* (ou alguém previamente familiarizado com a história de Stephenie Meyer) reconhece facilmente, como aponta a resenha do blog “Meia Palavra” publicada em 26 de junho de 2012:

é nítido que o “passado” do livro acaba ficando bastante evidente já nas primeiras páginas, pelo menos no caso de quem já leu *Crepúsculo*. As semelhanças vão desde bobagens (como o fato de Christian achar que azul fica bem em Ana, assim como Edward achava sobre Bella) até questões mais importantes para o enredo (ou vão dizer que nunca ninguém achou a dependência de Bella pelo vampiro meio estranha?). Algumas vezes só pelas características já dá para saber quem são as personagens que inspiraram James (o irmão de Christian, Elliott, seria o Emmet de *Crepúsculo*; a amiga de Ana, Kate, seria Rosalie, etc.). (Resenha do Blog *Meia Palavra*, 26/06/2012).

O deslocamento de um texto marginal (*fanfic*) para um suporte validado pelas instituições de saber (*livro*), só foi possível em decorrência do apagamento de uma intertextualidade mais evidente com a obra-fonte, autorizando assim a narrativa a circular de maneira legitimada e para um público mais amplo:

Nos tempos de sucesso da saga *Crepúsculo* começaram a aparecer sites que reuniam *fanfics* baseadas nos livros de Stephenie Meyer. Algumas tentavam contar de outro jeito o romance entre Bella e Edward, outras iam além e usavam as personagens em histórias completamente diferentes, algumas com muito “*lemon*”, um termo utilizado pelo pessoal que escreve *fanfic* para as cenas de sexo. E entre essas ‘n’ *fanfics* que surgiram na época, havia uma chamada *Masters of the Universe*, que depois foi modificada (com Edward virando Christian e Bella virando Anastasia), publicada de modo independente, mas que então fez tanto, tanto sucesso que começou a ter o direito disputado a tapa entre editoras grandes. (Resenha do Blog *Meia Palavra*, 26/06/2012).

Contudo, a identidade da cultura de origem ainda permanece imbricada em “Cinquenta tons de cinza” e não pôde ser extinta, afinal ainda há reconhecimento do universo de *Twilight* entre um fã leitor e o livro de E.L. James. Isso fica ainda mais evidente quando um leitor alheio ao *fandom*, ao realizar a leitura da obra, tem dificuldade de entender certos

aspectos relativos à constituição dos personagens, uma vez que o original “*Masters of Universe*” fora criado partindo do pressuposto de leitores pré-inseridos no universo de *Twilight*¹⁵. Deste modo, “Cinquenta tons de cinza” poderia ser considerado como uma *fanfic* rasurada ou disfarçada.

Se no caso (ii) ocorre o movimento do texto marginal para o meio legitimado, em (iii) isso não acontece. O *mashup* “O Alienista caçador de mutantes” não teve sua origem em uma produção marginal, mas foi um produto pré-demandado, segundo a entrevista de Natália Klein para o site da editora em 07 de outubro de 2010:

Quando fui convidada para participar da coleção, o pedido já era um livro do Machado. O tipo de humor dele – ácido e cheio de sarcasmo – tem a ver com o humor que eu gosto. Sem contar que “O Alienista” é um dos meus livros preferidos. Li a primeira vez quando tinha uns 12 anos, acho uma história incrível e super bem-humorada.

Na fala da autora, fica evidente seu apreço pela obra-fonte, mas percebe-se que o início do processo de escrita está diretamente ligado a um cenário contratual que posteriormente propiciará lucro aos envolvidos, uma vez que o *mashup* pôde ser publicado por utilizar uma obra-fonte que caiu em domínio público. Já as *fanfics* (iv) são muitas vezes consideradas plágios ou práticas contra os direitos autorais. Os *ficwriters* alegam não visarem ao lucro para conseguirem manter suas histórias na rede, evitando, assim, o processo judicial das indústrias de entretenimento. A característica não capitalista de uma *fanfic* é o que a distingue também das demais produções literárias. O desinteresse pelo lucro pode soar aos não fanfiqueros (e não fãs) como algo incompreensível, mas é necessário entender que o fã escritor/leitor centra seu interesse no afeto, na identificação com a obra-fonte e, posteriormente, no feedback dos outros fanfiqueros. Ou seja, os fãs não estabelecem com a obra uma relação de bem-material como as indústrias de entretenimento. É isso o que caracteriza a cultura remix, típica das produções desencadeadas pela web 2.0.

Para confirmar tal afirmação tomemos como base alguns exemplos de *disclaimers* retirados do FFN.

(i) “Personagens, lugares e citações pertencem a J.K. Rowling, Scholastic Books, Bloomsbury Publishing, Editora Rocco ou Warner Bros. Essa história não possui fins lucrativos.”

(ii) “J.K. é a dona, eu só estou me divertindo. Por favor, não me processe, eu não tenho nada.”

¹⁵ Essa questão também é observada na resenha de “Cinquenta tons de cinza” publicada pelo blog “Meia Palavra” em 26/06/2012.

(iii) “Não é meu! É tudo da J. K. Rowling.”

(iv) “Qualquer coisa que você reconheça pertence ao talento imensurável de J.K. Rowling; eu só os peço emprestado para brincar um pouco!”

A primeira característica a ser notada é a não obrigatoriedade do *disclaimer*; ele aparece nas *fanfics* do FFN não no espaço de preenchimento de dados obrigatórios, mas é escrito pelos usuários no espaço destinado às *fanfics*. Percebe-se também que não há uma frase utilizada de modo unânime. Algumas vezes os *disclaimers* podem ser mais formais (i), outras são permeados pelo bom-humor (ii e iii). Independente de qual tom, geralmente duas mensagens são transmitidas: a não intenção (e não obtenção) de lucros e o seu apreço pela obra-fonte, muitas vezes justificando a não obtenção de lucros através da “diversão” propiciada pelo ato de escrever a *fanfic* (ii e iv). O *disclaimer* é, talvez, a marca mais aparente dos resquícios da *PotterWar* e também é a forma em que a característica não capitalista do fanfiquero, no caso *ficwriter*, mais se explicita.

Levando em consideração a análise dos casos, podemos entender que, muito mais do que a intertextualidade com a obra-fonte, é a figura do *ficwriter*, suportado por toda uma cultura de fã, que confere um caráter identitário a tal prática de escrita. Mas como um *ficwriter* surge e é legitimado para a sua função? Os escritores de *fanfic* não ingressam no meio fanqueiro já como escritores, sendo necessário, para tanto, percorrer algumas etapas: (i) o conhecimento do texto-fonte, sua identificação/ apreço por ele é o que lhe confere o status de fã; (ii) a leitura das obras escritas por outros fãs é essencial, pois espera-se que ele interaja como leitor ao enviar seu feedback aos fãs escritores; (iii) após um período indeterminado de leituras de *fanfics*, o leitor passa a entender melhor o gênero e interessa-se por escrever a própria história, tornando-se *ficwriter*.

Jenkins (2009, p.251) nos apresenta o caso de Flourish que exemplifica bem o processo descrito acima:

Ela começou a ler fan fiction de “Arquivo X” quando tinha 10 anos, escreveu suas primeiras histórias sobre “Harry Potter” com 12 (...) Flourish rapidamente se tornou mentora de outros fãs-escritores emergentes, inclusive muitos que tinham o dobro de sua idade, ou mais. Muitos supunham que ela era, provavelmente, uma universitária. A interação on-line permitiu que Flourish omitisse a idade até se tornar tão importante para a comunidade de fãs que ninguém iria se importar com o fato de ela ainda estar no ensino fundamental.

Não se percebe nos *fandons* um desnível entre leitores e *ficwriters*, contudo, a partir do momento em que um leitor torna-se escritor, este, enquanto *ficwriter*, é posto em comparação aos demais escritores. Ou seja, assim como no meio literário, cada *fandom* tem seus autores renomados, que se destacam entre os demais, sendo que sua legitimação é conferida por seus iguais. A exemplo disso, pode-se citar as ripagens cada vez mais recorrentes no FFN. A definição dessa prática de legitimação é dada pelo chefe da equipe de ripagem “Vigadores do *fandom*” através da postagem “Ripagem de fics” na seção *fanzone* do Potterish:

‘ripar’ vem de “RIP” ou “Rest in peace”. (...) o termo só traduz a nossa vontade de enterrar a fanfic de má qualidade da maneira que ela merece. Ou seja, com comentários sarcásticos, irônicos, esculachados (...) Nosso trabalho(...) é exatamente esse, comentar fanfics de qualidade questionável e enterrá-las o mais fundo possível para que o nosso tão amado fandom seja vingado dignamente. (FANZONE POTTERISH)

A ripagem é outra manifestação da cultura de fã que está diretamente atrelada à *fanfic* e por sua vez à obra-fonte. Para melhor exemplificação, vejamos o exerto de uma ripagem retirada do FFN (a parte em negrito corresponde aos comentários dos ripadores):

Hermione estava sentadano (Maddie: Sentada&Dando)(Maddie[2]: Ou "Sem estar dando", vocês escolhem! =D) {Charlly: Eu escolho a segunda opção :D}(Sophia: Eu escolho a primeira :3) salão comunal lendo um livro, como sempre. Rony desce (Sophia: Hermione estava... Rony desce...) de seu quarto e senta-se com a garota, para tentar conversar com ela.

"Bom dia!"

"Bom dia!" respondeu a garota indiferente. (Maddie: Tão indiferente que usou até ponto de exclamação, né, amiga?)

"Er..como foi..." Rony não consegue terminar sua frase, pos (Sophia: Tem alguém comendo letra.) {Charlly: Eu discordo! Tem alguém sentando nas letras, se é que me entendem.} Lilá aparece de repente, acabara de descer de seu dormitório. (Sophia: E essa concordância verbal?)(Maddie: Que concordância, Sophia? Não vejo nenhuma por aqui.) {Charlly: O concordância, sua covarde, volte aqui e faça o seu trabalho!}

"Uon-Uon! Que bom que você já acordou! Vamos descer pra tomar café?" perguntou a garota animada.

Hermione revirou os olhos. {Charlly: "No próximo episódio de Mistérios da Humanidade:"} Como o Rony podia aturar aquela garota? (Sophia: Eis a questão.) (Maddie: Me pergunto isso desde o 6º Livro.)

É nos comentários ácidos dos ripadores que a legitimação ou marginalização de um *ficwriter* se dá no interior de sua cultura; assim, mesmo que as *fanfics* sejam um discurso de resistência em relação ao cânone literário e ao jurídico, dentro da cultura fanfiqueira o poder também circula e novas resistências surgem. O site FFN, ainda que seja um reduto dos fanfiqueiros, é permeado pelo poder-lei e pelo poder-estratégico, bem como suas resistências,. Sucintamente, entende-se como poder-lei aquele relacionado ao jurídico, à interdição, que dita o que se pode ou não fazer; e o poder-estratégico se relaciona à produção, incitação e circulação dos discursos (FOUCAULT, 1993).

Começemos pelo primeiro tipo de poder. Quando uma conta é criada e todas as vezes que uma *fanfic* é postada no FFN, o usuário se depara com os termos da “*Acceptance of Guidelines*” do site e, se não forem aceitos, o usuário fica impossibilitado de criar sua conta ou enviar suas *fanfics*. Vejamos alguns deles:

(i) Actions not allowed¹⁶:

1. Copying from a previously published work (including musical lyrics) not in the public domain.

(ii) FanFiction.Net respects the expressed wishes of the following authors/publishers and will not archive entries based on their work:

- Anne Rice
- Archie comics
- Dennis L. McKiernan
- Irene Radford
- J.R. Ward
- Laurell K. Hamilton
- Nora Roberts/J.D. Robb
- P.N. Elrod
- Raymond Feist
- Robin Hobb

¹⁶ Disponível em: https://login.fanfiction.net/story/story_tab_guide.php. É necessário possuir uma conta no site para visualizá-lo.

- Robin McKinley
- Terry Goodkind

Em (i) temos o intento do site de proibir a veiculação de conteúdos em seu estado original que não seja de domínio público, incluindo letras de músicas. Já em (ii) o site veta o envio de *fanfics* baseadas nas obras dos autores contidos na lista acima. Tanto (i) quanto (ii) são exemplos do poder-lei operando no FFN. Contudo, os usuários resistem a algumas dessas regras impostas, uma vez que é muito comum encontrarmos *songfics* no site, mesmo o FFN proibindo tal prática e, portanto, não oferecendo um espaço de preenchimento obrigatório para classificar as *songfics* como tais. Porém, o termo (ii) não deixa aos usuários escolha, a não ser, talvez, pela procura por outro portal, já que é a própria equipe do FFN que disponibiliza os textos-fontes (bem como seus personagens) no site. Sendo assim, se um usuário solicitar a inserção no site de um universo ficcional que faça parte da obra de algum dos autores da lista acima, os moderadores não o disponibilizarão no site, deixando os *ficwriters* daquele *fandom* impossibilitados de postarem suas *fanfics*.

Outra ocorrência do poder-lei está presente na medida em que o site, através da *Acceptance of Guidelines*, regula explicitamente o que pode ou não aparecer nas produções de seus usuários. Vejamos alguns dos termos:

- (i) The chapter system is not to be used as placeholder for non-story content such as author notes. You can add short author notes to the beginning or at the end of stories but never as individual chapters.
- (ii) Entry must be given the proper rating. No exceptions.

Em (i) temos a proibição de postagem de capítulos desprovidos de conteúdo ficcional, contudo é possível encontrar *fanfics* no FFN que tenham, por exemplo, como primeiro capítulo somente notas do autor com considerações e explicações acerca da *fanfic*. O FFN também possui uma classificação etária para *fanfics* distinta da encontrada em outros portais. O site não dá a possibilidade de o usuário escolher a classificação MA para as suas *fanfics*, pois estas estariam proibidas, por isso os *ficwriters* classificam suas histórias com a maior classificação disponibilizada pelo site (M) e, geralmente, avisam os leitores nas notas que antecipam a narrativa do real conteúdo da *fanfic*.

Sobre a circulação das *fanfics*, favorecida pelo poder-estratégico, a aceitação de determinadas características de uma *fanfic* faz com que ela seja mais ou menos popular. De

um modo geral, isso se dá através do *canon* e do *fanon*. O primeiro é entendido pelos fanfiqueiros como “cânone”, mas sem o sentido que a literatura confere à palavra, e sim como o texto-fonte no qual as *fanfics* se baseiam. Logo, um fato *canon* é algo que está contido na obra-fonte. No *fandom* de Harry Potter, o *canon* se estende para além dos fatos narrados na série de livros, levando-se em conta também todas as informações e conteúdos extras fornecidos pela autora, como entrevistas, outros livros ligados a série e, atualmente, o site *Pottermore*. Assim, o *fanon* é o não-*canon*, ou seja, as criações dos fãs que não constam no texto-fonte. A relação entre o texto-fonte e as possibilidades de sua releitura são comentadas abaixo:

Há pessoas que negam que Jesus fosse filho de Deus, outras que põem em dúvida até mesmo sua existência histórica, outras que sustentam que ele é o Caminho, a Verdade e a Vida, outras mais consideram que o Messias ainda está por vir, e nós, de qualquer forma, tratamos tais opiniões com respeito. Mas ninguém tratará com respeito quem afirmar que Hamlet desposou Ofélia ou que o Super-Homem não é Clark Kent. (ECO 2003, p.13).

Obviamente, o texto citado não estava discutindo *fanfics* ou fanfiqueiros, *canon* e *fanon*, e sim as possibilidades e impossibilidades de interpretações que os textos literários nos fornecem. Mas essa citação reflete também, de certo modo, como o *fanon* é tratado em relação ao *canon*, ainda que o contexto seja propício a (re)escritas livres.

Exemplos do *canon* em detrimento do *fanon* estão nos *ships*, que podem ser assinalados pelos *ficwriters* de três maneiras: (i) completando o nome dos personagens no espaço que o site destina para esse fim, (ii) inserindo nas notas do autor através do processo de siglagem (inicial do primeiro personagem/ inicial do segundo personagem, ex: H/G, significa Harry Potter/ Gina Weasley) (iii) inserindo, também nas notas do autor, amálgamas lexicais com os nomes dos personagens (ex: “Dramione” é a mescla de Draco e Hermione). O *ship*, talvez seja, depois do texto-fonte, o maior motivo de identificação dentro de um *fandom*. No *fandom* de Harry Potter, apoiar determinado *ship* era uma questão tão forte que “a guerra de *shippers*” é um fenômeno lembrado e discutido entre os fãs até hoje.

Outro exemplo da relação entre *canon* e *fanon* são os personagens originais criados pelos *ficwriters* e que, obviamente, não pertencem ao universo do texto-fonte. Esses são também conhecidos como *original character*, P.O. ou O.C. Exemplificando, Mary Sue e Gary Stu são nomenclaturas que carregam um sentido negativo, mas geralmente associado por muitos fanfiqueiros como um sinônimo perfeito de P.O., já que é muito comum acreditarem

que todo personagem original, por fugir do texto-fonte, é algo que, conseqüentemente, não é bem estruturado.

O poder estratégico nesse caso opera ampliando a circulação e a divulgação de uma parte das *fanfics*: as *fanfics canon*, por contarem com o “respeito” dos leitores e *ficwriters*, acabam tendo grande parcela do *fandom* a seu favor e, por isso, obtêm um número expressivo de produção e popularidade, colocando o *fanon* em segundo plano. Há nestes dois últimos exemplos uma regulação não aparente da comunidade fanfiqueira, uma vez que determinado tipo de *fanfic* deva ser eliminado – ou posto à margem¹⁷ - por meio das ripagens ou através da pouca oferta de *beta-readers* quando comparadas as *fanfics* de *ships canon*. Contudo, a resistência aparece nos *ficwriters* que ainda continuam escrevendo *fanfics fanon* e, por vezes, mantendo seu trabalho on-line mesmo depois de ripado.

Sendo a *fanfic canon* ou *fanon*, nota-se que seu índice de produção e circulação aumenta quando o texto fonte está em *hiatus*, ou seja, em um período entre o fim de um volume de um livro e o lançamento de outro. Para demonstrar o aumento nas produções de *fanfics*, foi levantado no FFN o número de ficções de fãs sobre Harry Potter publicadas no site durante o ano de 2005.

¹⁷ Contudo, há alguns *ships fanons* que possuem grande expressividade em seus *fandons*. Por exemplo, no de Harry Potter o casal Harry/Hermione possui um grande número de *fanfics* mesmo sendo *fanon*, talvez possamos atribuir tal fenômeno ao fato de que, antes do fim da série de livros, muitos fãs, que obviamente não sabiam qual seria o fim de seus personagens, atribuíam como possível a leitura de Harry e Hermione como um casal na obra-fonte.

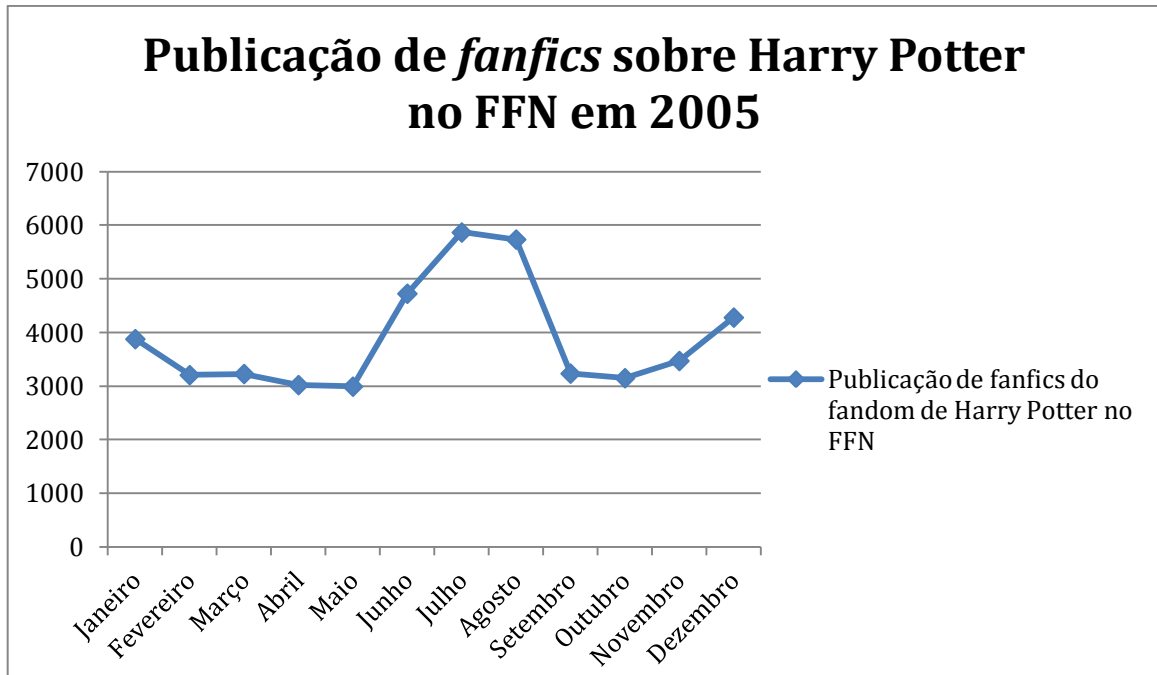


Fig. 2: Representação gráfica da publicação de *fanfics* do fandom Harry Potter no FFN em 2005.

Segundo o gráfico acima, percebe-se que o período de maior expressividade nas publicações de *fanfics* são os meses próximos a julho, mês em que ocorreu o lançamento do 6º livro da série. Com o aumento da produção de fãs próximo a datas importantes para a venda de seu produto, a indústria de entretenimento acaba ganhando com a propaganda gratuita feita através das *fanfics*. Após estas reflexões, pode-se representar as relações de poder envolvendo as ficções de fãs através da seguinte imagem:

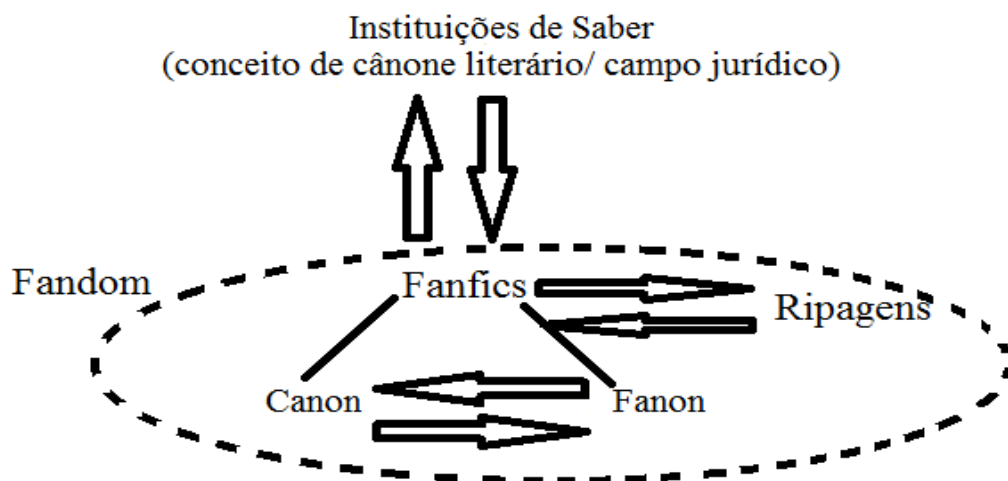


Fig. 3: Fluxograma das relações de poder

Atualmente, assim como há instituições de saber que produzem discursos de verdade sobre o que é ou não produção literária, os fanfiqueiros, em sua prática de resistência, são também responsáveis por reconhecer em sua cultura o que é e o que não é *fanfic*. Se por um lado há a tentativa de criminalização das *fanfics*, o *ficwriter*, em sua cultura, pode conquistar um espaço e renome, uma vez que os seus iguais lhe atribuem aquilo que o saber externo a sua cultura não lhe confere: a legitimidade pela autoria de suas histórias. Não é de interesse das *fanfics* se tornarem canônicas, já que, enquanto marginais, são tanto um fenômeno de resistência, como uma prática de constituição de uma dada identidade.

A seguir abordaremos como os representantes oficiais de Harry Potter abriram espaço para a produção dos fãs da saga e as relações de poder que permeiam o projeto *Pottermore*.

4.2 As relações de poder e o panóptico no *Pottermore*

Ao longo dos anos, os fãs vêm afirmando que Harry Potter foi responsável por aproximá-los de muitas pessoas que atualmente pertencem a seu círculo de amizade. O próprio *fandom* é pautado em conceitos de compartilhamento de conhecimento entre os seus; o que reforça o vínculo entre os integrantes dessa comunidade. E até mesmo representantes da indústria de entretenimento, de certa forma, reforçam tal discurso, como se pode observar na introdução do livro “Harry Potter: a magia do cinema”, feita por David Heyman, produtor de todos os filmes da franquia:

A produção dos filmes Harry Potter foi única. Num filme normal, elenco e equipe trabalham juntos por 30, 60 às vezes 100 dias, e depois seguem rumos diferentes; mas nós estamos juntos há 10 anos. Vimos casamentos e nascimentos. Conheci minha esposa no terceiro filme, casei com ela no quinto e tive um filho no sexto. Também houve divórcios e mortes. Nossos atores mirins, que começaram com 9, 10 ou 11 anos, fizeram seus exames finais e alguns foram para a universidade. (SIBLEY 2010, p.8)

Talvez o recorrente discurso de Harry Potter como um ponto de aproximação de pessoas deva ter algum papel na criação do *Pottermore*, que, além de rede social, funciona como um reduto on-line para fãs vivenciarem as experiências dos livros e, como o próprio nome do projeto sugere, descobrirem mais sobre o universo da história através dos conteúdos adicionais inéditos fornecidos pela autora.

Além do conteúdo oferecido pelo site, há espaço para as artes dos fãs. Em contrapartida, o *Pottermore* utiliza tais *fanartes* como forma de propaganda para o projeto através das redes sociais, do *Pottermore Insider* (Blog Oficial) entre outros. Contudo, o conteúdo postado pelos fãs no site está sujeito a uma série de regulamentações como as presentes nos “*Términos y Condiciones*” do site:

5.4 Usted acepta garantizar que:

§ ninguno de los contenidos que usted envíe o cargue (incluidos Seudónimos) y cualquier mensaje que envíe a un usuario a través de los formularios establecidos disponibles en Pottermore ("Mensajes de Usuario"), contienen ningún dato personal sobre usted o sobre otra persona. Esto incluye cualquier información que potencialmente pueda identificar a un individuo, como su apellido, fecha de nacimiento, correo electrónico o dirección postal, información sobre su familia u otros datos de contacto;

§ usted sólo aportará mensajes que no excedan de 140 caracteres y cargará archivos que sólo contengan imágenes, texto, ilustraciones, gráficos o dibujos;

§ cualquier texto que envíe está en un solo idioma;

§ toda la información que aporte a través de Pottermore es exacta, verdadera y actualizada en todos los aspectos y en todo momento, y que de ninguna forma es engañosa;

§ todo el contenido enviado es legítimo y no es difamatorio, abusivo, amenazador, acosador, obsceno, discriminatorio, no intenta causar angustia ni pretende incitar al odio ni es desagradable o embarazoso de cualquier otra forma, para alguna otra persona según determinemos a nuestra completa discreción;

(...)

§ ningún contenido cargado por usted infringe ningún derecho de autor, y en el caso de que algún contenido no fuera de su propiedad, que tiene permiso del propietario del derecho de autor para utilizarlo y para permitir su uso, conforme a lo estipulado en las presentes Condiciones, por parte de terceros a los que Pottermore pudiera autorizar conforme a las presentes Condiciones. En caso de que el contenido sea propiedad de Menores de edad, necesitará obtener el permiso de sus padres. Podemos orientarle periódicamente para ayudarle sobre los principios de los derechos de autor.

Justificado pela “*Política de Seguridad Infantil*”, o poder-lei se impõe aos usuários do *Pottermore* através do cerceamento de algumas condutas. Além das interdições presentes nas condições de postagens já apresentadas, há regras de características panópticas. Segundo Foucault (1979, p.210), o panóptico formulado por Bentham é inicialmente definido como característico da arquitetura de sistemas prisionais que abandonam os calabouços e passam a utilizar uma torre com grandes janelas centralizada em uma construção circular, sendo esta dividida em celas, tendo uma janela que se abre para a torre e outra que possibilita a entrada de luz. Entretanto, a concepção de panóptico extrapola o campo arquitetônico. Ao fazer um contraponto entre a visibilidade da torre do panóptico de Bentham e a escuridão dos calabouços fantásticos, Foucault (1979) afirma que:

as paisagens de Ann Radcliffe são montanhas, florestas, cavernas, castelos em ruína, conventos de escuridão e silêncio amedrontadores. Ora, estes espaços imaginários são como a "contra-figura" das transparências e das visibilidades que se quer estabelecer. Este reino da "opinião", invocado com tanta frequência nesta época, é um tipo de funcionamento em que o poder poderá se exercer pelo simples fato de que as coisas serão sabidas e de que as pessoas serão vistas por um tipo de olhar imediato, coletivo e anônimo. Um poder cuja instância principal fosse a opinião não poderia tolerar regiões de escuridão. Se o projeto de Bentham despertou interesse, foi porque ele fornecia a fórmula, aplicável a muitos domínios diferentes, de um "poder exercendo-se por transparências", de uma dominação por "iluminação". O panopticon é mais ou menos a forma do "castelo" (torre cercada de muralhas) utilizada paradoxalmente para criar um espaço de legibilidade detalhada. (FOUCAULT, 1979,p. 216)

Algumas regras dos “*Términos y condiciones*” do site foram selecionadas para ilustrar o panóptico no *Pottermore*:

8.1 *Nosotros controlamos el contenido de Pottermore, no obstante, le rogamos que nos informe si descubre cualquier contenido ofensivo o comportamiento inapropiado. Si cualquier contenido le hiciera sentirse amenazado, perjudicado u ofendido en la comunidad Pottermore, o si cree que cualquier contenido de Pottermore infringe sus derechos o las normas de las presentes Condiciones, le rogamos que se ponga en contacto con nosotros a través de los botones "Informe de Esto" de la página web, o utilizando la información de contacto que aparece bajo el párrafo 16 y 16.4 en su caso.(...)*

8.2 *A pesar de no estar obligados a ello, nos reservaremos el derecho a adoptar las medidas o alguna de las siguientes medidas con todos los usuarios de cualquier edad, incluidos los Menores de edad:*

(...)

8.2.3 retirar sin aviso previo cualquier contenido que contenga datos personales de alguna persona o que sea ofensivo, ilegal o perjudicial, o que de alguna forma no cumpla con las presentes Condiciones, tanto con anterioridad como posterioridad a la revelación de dicho contenido en *Pottermore*;

8.2.4 controlar, editar o publicar cualquier contenido;

8.2.5 editar o retirar cualquier contenido enviado, cargado o presentado por un usuario para que aparezca en *Pottermore*, independientemente de que dicho contenido incumpla las presentes Condiciones (...)

O conceito de panóptico pode ser aplicado ao conteúdo publicado em contextos virtuais como o *Pottermore*. Devido à própria organização do ambiente on-line, não cabe o conceito de um sistema de vigilância centralizado, mas um panóptico que se espalha em rede. No *Pottermore*, a vigilância existe – operando através de uma equipe moderadora - e é a consciência desta que regula as ações dos usuários do site e que os move a observar as ações de um igual, tornando-os parte do olho onisciente. É importante observar que o mesmo acontece com as *fanfics* em relação às ripagens. O ficwriter conhecedor da prática da ripagem torna-se mais atento, pois os leitores também são aqueles que indicam as *fanfics* aos ripadores. Sentir-se viagiado pode provocar a auto-regulação por parte dos usuários que controlam suas ações na rede, mesmo que estas não cheguem até o indivíduo ou grupo moderador.

O *Pottermore* pode, atualmente, ter sido definido por um dos entrevistados como “interessante, mas não é tudo aquilo que se imaginava”, mas a campanha de marketing do site levou o *fandom* a uma expectativa que fez com que os fãs produzissem discursos em um ritmo frenético na esperança de saber mais sobre o então novo projeto de J.K. Rowling.

Quando questionados se o fator de lançamento dos livros com data e hora marcada proporcionou um maior desejo sobre aquele objeto, a maioria dos entrevistados respondeu positivamente. O *Pottermore* utilizou-se da mesma estratégia com um contador de uma semana em seu canal no *Youtube*. Nesse período, os fãs queriam saber mais sobre o misterioso projeto de J.K. Rowling. O interesse dos fãs pelo *Pottermore*, até então desconhecido, fica evidente através da expressividade de comentários nas postagens do

Potterish relacionadas ao tema, se comparadas às demais notícias que circulavam na mesma época. As três notícias mais relevantes¹⁸ sobre o *Pottermore* tratam sobre o primeiro anúncio, a revelação do projeto e a abertura de inscrição para os 1.000.000 de usuários beta e possuem, respectivamente: 83, 99 e 919 comentários.

No *Pottermore*, Os fãs também são estimulados a conduzirem um discurso já existente, reiteirando-o com novas textualizações. Isso ocorre desde o preenchimento de sua ficha cadastral no site¹⁹ até os comentários que se pode deixar ao final de cada capítulo, ou o *feedback* dos usuários beta.

O *Pottermore*, portanto, desenvolve sua base de dados para aperfeiçoar a experiência do usuário/leitor – e beneficiar-se através da propaganda do projeto que se volta também para a loja de *e-books* que o site hospeda – por meio das relações entrecruzadas de poder e um sistema panóptico, que também atravessam o *fandom*.

5. Considerações Finais

Após as explicações sobre a franquia Harry Potter, seus discursos e as relações de poder que a envolvem, a figura do fã é ressaltada como aquele que, independente de sua idade, é ligado a um mundo fantástico pelo afeto e se lança em busca de informações, análise da obra e produção de conteúdo sobre seu universo ficcional de interesse. O perfil do fã apresentado neste trabalho está intrinsecamente ligado à dedicação do conhecimento da obra-fonte e às possibilidades de criação e partilha características da internet.

Ainda que os fãs retomem o produto de um processo comercial, constituem uma comunidade hermética e marginal, com suas próprias regras e ritos, mas que, ao mesmo tempo, é a responsável por mover a produção de discursos por parte da indústria de entretenimento que, após os conflitos com os fãs e tentativas de conter suas produções, passa

¹⁸ Foram excluídas da contagem as notícias publicadas como rumor ou que não tinham relação direta com a campanha de divulgação do projeto.

¹⁹ As informações solicitadas ao usuário para cadastro no *Pottermore* são: Nome Completo, País, Idade (autorização do guardião legal, se menor de idade), email (ou email de um responsável) e a informação de quais livros e filmes o usuário conhece.

a reconhecer a força desta comunidade e dá início a uma política de negociações com os fãs, em lugar de uma postura completamente impositiva, visando, obviamente, ao retorno financeiro. Assim, o termo “discurso oficial”, amplamente utilizado aqui, torna-se uma questão de nomenclatura, evidentemente ligada às relações de poder.

Devido à força da cultura de fã é que a franquia tem sua sequência e assim a história dos livros de Harry Potter começa a atravessar outros suportes e, atualmente, com o projeto *Pottermore*, pode ter iniciado seus passos para se tornar o que Jenkins (2009, p.384) descreve como uma narrativa transmidiática. Se a convergência de ideias e o compartilhamento de conteúdos e materiais são características do *fandom*, essa convergência midiática da narrativa surge por meio do investimento quase espontâneo das grandes corporações envolvidas com a franquia.

Sabe-se que convergência de saberes independe de tecnologias e as produções de fãs já ocorriam em contexto anterior ao cibernético muito antes da publicação do livro de estreia de J. K. Rowling, mas o encontro da web 2.0 com leitores produtores de conteúdo proporcionou que o mundo visse uma explosão discursiva que seria impossível há algumas décadas. Harry Potter e seus fãs deixaram sua marca transformadora no modo de circulação e leitura de uma obra.

GLOSSÁRIO

Defense Against Dark Arts (Defesa Contra as Artes das Trevas): é uma das disciplinas ministradas no colégio bruxo onde o personagem Harry Potter estuda. Também é o nome da manifestação encabeçada por Heather contra a Warner Bros.

Disclaimer: Nota do *ficwriter* que o isenta de propriedade intelectual sobre a obra-fonte. O *disclaimer* não tem caráter obrigatório e geralmente aparece antes do início de uma *fanfic*

Fanfic: Produção de fã que consiste na criação de diversas outras histórias tendo como base um universo ficcional já existente. As *fanfics* são produções feitas por fãs escritores e não possuem fins lucrativos.

Fan hit: Prática da cultura de fã que se caracteriza pela composição de músicas criadas por fãs envolvendo o universo de afeto, no caso o de “Harry Potter”.

Fanlore: Segundo sua própria descrição da página inicial, o Fanlore é um site colaborativo feito por e para as comunidades de fãs. Neste portal é possível ter acesso a verbetes relacionados à cultura de fã, conhecer a história de *fandons* e ler vários trabalhos de fãs.

Ficwriter: Escritor de *fanfic*. É importante entender que *ficwriter* e fanfiquero não são termos sinônimos. Fanfiqueros são todos os indivíduos que se envolvem com a prática das *fanfics*, sendo estes leitores, *ficwriters*, *beta-readers*, tradutores etc.

Fanfiquero: Indivíduo que está inserido na comunidade das *fanfics*; sendo este leitor, *ficwriter*, *beta-reader*, tradutor ou capista.

Gary Stu: Ver *Mary Sue*.

JK Rowling Fansite Award: prêmio concedido pela autora da saga Harry Potter aos fã sites como reconhecimento do bom trabalho realizado pelos fãs.

M: *fanfics* do *Fanfiction.net* classificadas para maiores de 16 anos

MA: *fanfics* do *Fanfiction.net* classificadas para maiores de 18 anos.

Magic Quill: é uma pena mágica responsável por registrar os nascidos mágicos em um livro de Hogwarts, no universo potteriano. Na etapa de acesso ao projeto *Pottermore*, o internauta que encontrasse a pena mágica poderia acessar a página para cadastrar-se no site.

Mary Sue: Terminologia utilizada para mencionar personagens femininas extremamente perfeitas. Segundo o *Fanlore*, o termo foi cunhado por Paula Smith em 1973 na *fanfic* “*A Trekkie’s Tale*” no *fanzine Menagerie #2*. O seu correspondente masculino é *Gary Stu*.

Mashup: O *Urban Dictionary* (<http://www.urbandictionary.com>) traz em uma das definições para o vocábulo “*mashup*”: o conceito de mistura entre músicas populares e não populares, o

que resultaria em algo completamente novo. Provavelmente, essa concepção de mistura migrou para outras manifestações como a literatura.

Pottermore: Projeto criado em 2011 por J.K. Rowling em parceria com a Sony e aberto ao público em abril de 2012. O *Pottermore* conecta os fãs como amigos em uma espécie de rede social e oferece ao usuário registrado acesso gratuito ao conteúdo exclusivo sobre o universo de Harry Potter, aos jogos e simulações da história (ex: Seleção da Casa, preparo de poções etc). A página inicial do Pottermore dá acesso à *Pottershop*, uma loja on-line para a venda de ebook-s da série Harry Potter.

Potterhead: Termo que designa um fã de Harry Potter.

PotterWar: Expressão para designar a série de conflitos envolvendo a franquia Harry Potter, incluindo o embate entre a Warner Bros. e os *potterheads*.

Ripagem: Prática presente no *fandom* que consiste na reunião de um grupo de fãs para criticar duramente as *fanfics* que julgam de má qualidade.

Ripador(a): Aquele que realiza uma ripagem.

Ship: Em geral, refere-se ao casal central de uma *fanfic*. Os personagens centrais formam o *ship* principal, mas uma *fanfic* pode ter mais de um *ship* conforme o relacionamento dos personagens. Um *ship* nem sempre tem conotação amorosa ou sexual, podendo significar a amizade entre dois personagens. Para o Fanlore, o termo “*ship*” teve origem no *fandom* de “*X-Files*” (no Brasil: “Arquivo X”). Aqueles que apoiavam o romance entre os agentes Fox Mulder e Dana Scully ficaram conhecidos como “*relationshippers*” ou simplesmente “*shippers*”.

Slash: *Ship* que diz sobre o relacionamento amoroso (atualmente sendo este sexual ou não) entre dois personagens do sexo masculino.

Songfics: *Fanfics* que tem em seu início, meio ou fim letras de músicas nas quais, geralmente, a história se baseia. A letra da música pode estar inserida no texto ou servir de base para o *ficwriter* criar o enredo da *fanfic*.

Trekker: Relativo ao universo de *Star Trek*, podendo designar também os fãs desta franquia.

Usuários betas: são um grupo restrito de pessoas não relacionadas à criação de um projeto, no caso o Pottermore, a fim de fornecer o *feedback* necessário para suporte antes do lançamento ao público.

Wizard Rock (ou Wrock): modo como se denomina a prática do *fan hit* no *fandom* de Harry Potter.

ANEXOS

O que você disse, Hagrid?

Potterish // Por Sheila Vieira - sábado, 19 de março de 2011 às 11:04

Quem já teve a oportunidade de ler os livros de Harry Potter em inglês sabe que a fala de Rubeus Hagrid é, muito provavelmente, a mais difícil de entender. Rowling fez questão de demonstrar em sua escrita o sotaque do guardião de Hogwarts, partindo do princípio de que o modo de falar é algo muito importante na caracterização de um personagem.

No entanto, a tradutora Lia Wyler decidiu “limpar” a linguagem de Hagrid e causou uma certa polêmica por isso. Na nova coluna do *Potterish*, Bruna Moreno faz uma ótima análise sobre os motivos de Rowling e Wyler e a visão das autoras sobre a língua. Leia e comente!

Aqueles que acompanham minhas colunas sabem que eu gosto muito de pôr um toque de minha experiência pessoal logo no começo. Hoje eu gostaria de retornar justamente à minha primeiríssima coluna, “Harry Potter inglês ou brasileiro?”, de (quem diria!) três anos atrás. Se vocês não se lembram do que eu falo, bom, eu me lembro como se eu tivesse escrito, e vivido, tudo exatamente ontem.

Era 2003 e eu estava louquinha pelo quinto livro. Louquinha, louquinha, mas tão louquinha, que jurei a mim mesma que leria as quase 800 páginas em inglês mesmo, ponto final. Arranjei os quatro primeiros volumes na minha escola de inglês alguns meses antes e comecei a treinar. Na já mencionada coluna, eu contei parte da minha peripécia inglesa: como choveram palavras estranhas e nomes desconhecidos, como enfim descobri que Lia Wyler teve de fazer um trabalho e tanto na tradução. Porém, para todos os efeitos, tive de cortar parte do conteúdo que espremi em 6 páginas de Word (eu corria o risco do Nakajo me cortar para a vaga de colunista!) e, por isso, deixei de lado um dos maiores desafios que encarei ao ler a versão original: Hagrid.

Pois é, seis letrinhas que formam um enorme meio-gigante meio-bobão me deram muita dor de cabeça. E não, não foi por causa das milhares de criaturas mágicas bizarras que ele criava ou gostaria de criar; a culpa foi o sotaque, sutil nos filmes e grosseiramente grotesco nos livros.

Grosseiramente grotesco

Duvidam? Eis aqui então um exemplo da fala original do Hagrid em comparação com a fala brasileira (o trecho em questão foi retirado da página 378 da versão britânica da Ordem da Fênix e da 351 da versão brasileira, na parte em que ele conta o andamento de sua missão entre os gigantes para o trio):

‘Well, we waited till morning, didn’ want ter go sneakin’ up on ‘em in the dark, fer our own safety’, said Hagrid.”Bout three in the mornin’ they fell asleep jus’ where they was sittin’. We didn’ dare sleep. Fer one thing, we wanted ter make sure none of ‘em woke up an’ came up where we were, an’ fer another, the snorin’ was unbelievable. Caused an avalanche near mornin’.’

“— Bom, nós esperamos até o amanhecer, não queríamos nos aproximar no escuro, escondidos, para nossa própria segurança — disse Hagrid. — Lá pelas três horas da manhã, eles dormiram onde estavam sentados mesmo. Não tivemos coragem de dormir. Primeiro porque queríamos ter certeza de que nenhum deles ia acordar e subir onde estávamos, e segundo porque os roncos eram incríveis. Provocaram uma avalanche pouco antes do dia clarear.”

Se você não sabe lá muita coisa da língua, vou arriscar verter a fala do Hagrid para um “inglês culto”, o inglês que a gente aprende na escola, ou o inglês que eu poderia encontrar na fala de outro personagem, como Harry ou Hermione:

‘Well, we waited till morning, didn’t want to go sneaking up on them in the dark, for our own safety’, said Hagrid. ‘About three in the morning they fell asleep just where they were sitting. We didn’t dare to sleep. For one thing, we wanted to make sure none of them woke up and came up where we were, and for another, the snoring was unbelievable. Caused an avalanche near morning’.

Falem a verdade, a diferença entre os dois tipos de inglês é absurda! Além de originalmente Hagrid comer fonemas — “a” inicial, “t”s finais e os chatinhos “th”s —, ele distorce outros — “fer”? “ter”? Por que raios trocar o “o” por “e”? — e dá uma escorregadela na sintaxe — “they was sittin’” é um clássico como “nóis vai”.

Mas isso nem se vê em português — na realidade, na nossa língua o meio-gigante fala mais “corretamente” que muitos de nós, usando a flexão da primeira pessoa do plural (quem hoje em dia fala “nós” ao invés de “a gente”?) e lembrando até da regência dos verbos (certeza “de” que)! No Brasil, Rubeus Hagrid facilmente passa como intelectual, e certamente se sai melhor que muitos políticos!

Outro exemplo que me fez quebrar muito a cabeça com meu inglês iniciante da época foi o jeito que Rowling adotou para representar o sotaque, como na fala:

“‘Bout twenty feet,’ said Hagrid casually. ‘Some o’ the bigger ones mighta bin twenty-five.’
 “— Uns seis metros — disse Hagrid com displicência. — Alguns dos maiores talvez tivessem uns sete metros.”

“Bin?”, eu pensava. “Mas ‘bin’ não era lata de lixo, teacher?”. Até eu me tocar que “bin” era “been” e perceber que focinho de porco não era tomada...

Algumas pessoas chamam essas questões de “erros imperdoáveis”; eu prefiro falar em “caracterização do personagem”. De um viés ou de outro, acredito que todos nós damos as mãos e torcemos o nariz durante a leitura (ou, como muitas vezes fiz, pulamos o trechinho e voltamos um pouco mais tarde), sem tentar encontrar uma explicação.

Explicação

Como eu disse, para mim Rowling caprichou na caracterização do personagem. Conforme trechos de entrevistas que encontrei aqui mesmo no Ish, a intenção da autora foi realmente construir Hagrid aos moldes dos camponeses do sudoeste da Grã-Bretanha, talvez para o lado de Chepstow, de onde definitivamente viria seu sotaque. Jo afirma que Hagrid e ela teriam a mesma origem, o que me faz pensar que eles deveriam falar do mesmo modo. Mas não falam. Hum. Está aí algo para se refletir.

Outro ponto interessante é pensar no significado do nome: segundo ela, Hagrid é “uma palavra de um dialeto – você teve uma noite ruim. Hagrid é um grande bebedor – ele tem várias noites ruins”. Para mim, faz todo o sentido ele falar de maneira toda truncada e arrastada: se Hagrid é um grande bebedor, ele pode (e deve) muito bem falar como um bêbado!

Poder-se-ia argumentar também que Hagrid fala assim devido a sua origem meio gigante. Ora, eu prefiro pensar que gigantes e meio-gigantes falam assim por causa de Hagrid — para mim está claro que Rowling imaginou Rubeus antes de qualquer outro da mesma linhagem. Então, pronto: primeiro o gigante bebedor camponês, depois toda a espécie.

Toda a espécie

Groupe, o meio-irmão do guarda-caça, é o perfeito exemplo de derivação. A começar pelo nome: tanto em português quando em inglês (Grawp), o som que encontramos é o de um resmungo, um grunhido (grawp, grawp, grawp). O motivo é auto-explicativo: tudo o que ele pode fazer é, infelizmente, grunhir.

Tenho medo de parecer um pouco dura ou preconceituosa nas minhas palavras. É fato que Grawp não é lá meu personagem preferido, porém também é fato que ele não fala nada de mais substancial na série. Na verdade, confesso ser até bonitinho o modo com que ele se refere ao irmão e à Hermione logo no final do quinto livro:

‘HERMY!’ roared Grawp. ‘WHERE HAGGER?’

“— HERMI! — rugiu Grope. — ONDE HAGGER?”

Grawp não consegue pronunciar as palavras, quanto mais formular uma sintaxe mais complexa. E existe uma coisa muito, mas muito interessante nisso tudo: como esse conjunto de “erros” constroi tão bem a imagem que temos da personagem. Rowling não precisaria descrever os trejeitos grosseiros de Grawp e talvez nem mesmo seu tamanho e sua descendência para que pudéssemos imaginar um gigante atrapalhado destruindo tudo a sua volta.

Mas e em português?

Em português

Grawp virou Groupe, uma saída bastante louvável e que se manteve refletida em suas falas. Isso, contudo, aconteceu somente n’A Ordem da Fênix; cinco livros antes, quando a senhora Wyler punha pela primeira vez as mãos em um Harry Potter, a escolha foi outra.

Em uma entrevista concedida ao site Omelete.com.br, a tradutora afirma ter tomado a decisão de não recriar o sotaque de Hagrid porque “os livros não foram traduzidos apenas para as classes mais abastadas que têm a possibilidade de freqüentar bons colégios, mas também para as crianças e jovens pobres que fazem filas nas bibliotecas para ler Harry Potter”. Pois é, meu caro leitor, Wyler se defendeu usando o argumento de “leitura para todos”, uma faca de dois gumes: se de um lado ela quis parecer boazinha e justa, convenhamos que, na verdade, ela só conseguiu soar como uma grande preconceituosa.

A impressão que tenho é que ela acredita que Hagrid “fala errado” e que, ao reproduzir isso num livro para crianças, aquelas que não têm acesso a uma escola de qualidade (leia-se, na concepção de Wyler: escola particular) poderiam, por ventura, começar a imitar numa forma de “escrita errada”.

Ora, mas por que Hagrid “fala errado”? Rowling estudou línguas, for God’s sake, e ela felizmente tem consciência de que os dialetos não somente refletem diferentes modos de expressão, como também marcam diferentes tribos, regiões, localidades, épocas, idades... O modo como falamos reflete quem somos!

Eu, Bruna, moro no interior paulista, mas minha família vem de São Paulo, capital. Minha fala é esse misto de “r” que puxa e que vibra, que não é daqui nem de lá; que é meu! Não é mais certo nem menos certo que o sotaque carioca, baiano, goiano, português; é só diferente!

Sob esta perspectiva, como Lia Wyler pode afirmar que Hagrid fala errado? Por que ele falaria mais ou menos certo que Dumbledore, que usa um léxico bem mais antigo e floreado que Rony, que usa muito mais gírias que Hermione? Cada um tem seu modo de falar, que lhe

particulariza como personagem e constroi sua personalidade. Uma descrição não se baseia somente no físico: depende dos pequenos gestos escritos, as atitudes realizadas em detrimento de outras, a expressão de uma palavra de modo singular. Assim, mágico.

Mágico

Embora eu tenha suado às bicas para decifrar o que raios Hagrid tanto queria dizer, eu preferia que a tradução brasileira tivesse mantido seu sotaque complicado. Afinal, não fosse eu conhecê-lo, no sexto filme talvez eu nem tivesse rido da singela demonstração de afeto que ele deu a Harry no seu bolo de aniversário: “Happy Birthdae, Harry”.

Bruna Moreno será a tradutora dos próximos livros de J.K. Rowling.

Larissa Prada | sábado, 19 de março de 2011:

adorei a coluna, parabens! concordo plenamente com tudo dito.

Lari Schoenfelder | sábado, 19 de março de 2011:

Achei muito bom o artigo, mas devo dizer que infelizmente discordo em relação à tradução do sotaque do Hagrid para o português. O fato é que, tudo bem, é o sotaque dele, não está mais nem menos certo ele falar assim. Mas, quando se coloca isso num papel, está errado de acordo com as regras gramaticais da língua inglesa. Mas eu, que tenho uma certa afinidade com essa língua, não tive dificuldades para entender – imagino, portanto, que as crianças inglesas também não. Mas, no caso do Brasil, sem levar em conta se a pessoa estudou em escola pública ou particular, pode-se notar que os adolescentes hoje escrevem completamente errado, e não estou falando de Internet. Colocar isso num livro seria, na minha opinião, errado. Tudo bem ele ter sotaque, mas... Vou colocar num exemplo: Ficaria certo eu escrever com x ao invés de s? Não estou dizendo que os cariocas/nordestinos falam errado, é o jeito deles de pronunciar. Mas, escrito, está, sim, errado. E, querendo ou não, isso pode, sim, influenciar os jovens, independente de onde eles estudem. Além do mais, como reproduzir um sotaque da Grã-Bretanha em português? É uma tarefa um tanto quanto complicada que tem tudo para dar errado.

Desculpa se soei um pouco agressiva, não é minha intenção. Gostei bastante do resto do artigo

Marcelo | sábado, 19 de março de 2011:

Muito boa a coluna!

Lia ficou realmente em uma situação complicada !

O sotaque do Hagrid é bem interessante...o interior da Inglaterra (GB em geral) está repleto de pessoas que falam desse modo.

Confesso que quando li a primeira vez, que nem vc, livro 5 em inglês...foi massante passar pelos diálogos dele...mas hoje eu acho divertido!

Parabéns pela coluna!

Alice | sábado, 19 de março de 2011:

Eu sempre li vários e vários textos sobre a tradução da Lia Wyler, a maioria sobre a mudança de nomes dos personagens ou sobre uma ou outra palavrinha perdida nos capítulos (como o camafeu do 5º livro que, mais tarde, descobrimos ser o medalhão do 6º). Mas o que eu sempre quis e nunca achei é justamente um texto sobre o Hagrid.

Concordo que devia ter aparecido algo sobre o sotaque dele nos livros. Como tu disse, é um jeito de caracterizar o personagem. É algo que caracteriza todo mundo. Eu sou gaúcha e falo tu, bah, tchê, me caiu os butiá dos bolso (assim mesmo, comendo os ‘s’) e por aí vai.

Ah, se fizessem uma nova tradução dos livros... haha (:

Zara | sábado, 19 de março de 2011:

Bruna, muito boa a sua análise, parabéns!

Não concordo com os tradutores que se acham no direito de modificar características dos livros ou filmes e a Lia é um desses exemplos que fez o que bem quis com a saga. Não diminuindo o trabalho e empenho dela, mas tradução é bem mais que transcrever um texto, tem que ir fundo em suas particularidades.

P.S.: Se você traduzir os próximos de Jo, farei questão de ler

Renato | sábado, 19 de março de 2011

Muito boa a coluna, embora já tinha visto também lá no blog DaPenseira uma entrevista super boa com a Lia em que ela se explica de muitos “problemas”, na verdade diferenças, de traduções.

Mas ainda, assim, legal! Está de parabéns!

Leonardo | sábado, 19 de março de 2011:

Consideranto o regionalismo brasileiro, adaptar o sotaque do Hagrid para o português faria com que, nos livros brasileiros, o Hagrid parecesse um caipira burro, um jeca ignorante. Daria a ele um caráter pejorativo, depreciativo e denigratório, o que não ocorre na versão inglesa. Acho que Lia fez o melhor ao traduzir para o português correto e eliminar más interpretações.

Fran | sábado, 19 de março de 2011:

Ótima coluna! Concordo com o Leonardo: talvez traduzir o sotaque do Hagrid desse margem à interpretações equivocadas. E a questão de sotaque do interior da Inglaterra seria perdida de um modo ou de outro se traduzíssemos para o português.

Mas a justificativa da Lia não foi nada boa. Afinal de contas, as falas do Hagrid podem até estar escritas “erradas” (tecnicamente sim, como disse a Lari ali em cima mas não acho que isso é um problema afinal Harry Potter é um livro não uma edição do Diário Oficial, não é?) mas o resto do livro não está! A diferença seria tão gritante que qualquer criança notaria a diferença.

Rodrigo | sábado, 19 de março de 2011:

A Lia poderia indicar que está errado de diversas formas, colocar a fonte em itálico, como fazem em alguns trechos dos livros, colocar entre aspas, ou, se o trecho antes da fala dele for

“disse Hagrid” ela poderia colocar “disse Hagrid erroneamente”. É um mundo de possibilidades.

Feanaro_Ciryatan | domingo, 20 de março de 2011:

“Não concordo com os tradutores que se acham no direito de modificar características dos livros ou filmes”[2]

Principalmente com nomes de criaturas (Elfo, duende, goblin, trasgo...), profissões (Mago, feiticeiro, bruxo...) e efeitos (feitiço, encantamento, mágica, magia...)

Mas, nesse caso, como disseram, foi um problema bem difícil de resolver.

Como reproduzir o sotaque do interior da Inglaterra?

O de Fleur e Olimpia foi mantido, pois é um sotaque externo, pode ser adaptado ao português, porém o de Hagrid ficaria estranho, que sotaque seria representado?

O sotaque é um jeito de caracterizar um personagem, mas nesse caso seria bem complicado. Poderia até descaracterizar Hagrid. Ainda que optassem por aplicar-lhe o sotaque do interior do Brasil (como se fosse um só hahaha) ele seria caracterizado de forma errônea, pois, obviamente, uma pessoa do interior do Brasil é diferente de uma do interior da Inglaterra. Inconscientemente Hagrid seria imaginado daquela forma e o sotaque deixaria de cumprir seu papel de detalhar o personagem.

Porém, quanto à justificativa da Lia, também concordo que não procede. Como comentou Fran, a fala de um personagem pode estar escrita errada, mas o resto do livro não está, ficaria clara a diferença, ainda mais que as falas do Hagrid são uma ínfima porcentagem das 3283 páginas da série hahaha. Se fosse assim o Cebolinha e Chico Bento seriam proibidos no Brasil.

No mais, muito boa coluna, nem sabia que Hagrid tinha sotaque haha, não li os livros em inglês.

Rodrigo Arturo Black | domingo, 20 de março de 2011:

Eu não sabia que Hagrid falava dessa maneira. Acho que você, Bruna Moreno, tem toda razão. A tradução deveria ter sido feita com os “erros” de Hagrid, pois daria um ar mais realista.

Ah, gostei muito da sua coluna. Ótima.

Se um dia você escrever um livro, avise!

Mayã | domingo, 20 de março de 2011;

Adorei a coluna.

Wylar não deveria ter nem usado alguma desculpa pra não reproduzir a forma como Hagrid fala porque, se pararmos para pensar, todas as crianças que leram o livro em inglês (pq falavam inglês como língua mãe), viram o Hagrid como um ‘desrespeito a gramática’, e nem por isso começaram a falar errado tb.

Acho que com esse simples gesto da tradutora, percebemos mto preconceito e mta vontade de ‘fazer do jeito que DEVE ser o certo’.

Eu, particularmente, não fazia a MINIMA ideia de que o Hagrid falava diferente até agora. Eu li a saga toda, milhares de vezes, em português. Agora que fiquei longe dos meus amados volumes que resolvi experimentar lê-los em inglês, e qndo vi a nota da coluna na página

principal, vim logo conferir. Pra mim foi novidade. E o pior é que esse tipo de coisa realmente mexe com a forma que concebemos os personagens. Certamente, o Hagrid teria um formato ainda mais ‘amigo’ pra mim se eu tivesse visto os seus erros de linguagem.

Eu também acho que os próximos livros de Rowling vc tem q traduzir, Bruna. Fará um ótimo trabalho, com certeza

MaNgA aLbInA | domingo, 20 de março de 2011:

Olá Bruna!!

Adorei sua coluna e realmente concordo muito com ela... Também sou do inteRioRRRRRRR aushahshahsausahsa tenho um “r” arrastado com orgulho.

Sabe, lendo o inglês agora eu percebi uma coisa... Não parece com a forma que os americanos falam?? Não será uma piada ;DD??

E também fico brava com certas coisas que a Lia fez, por que isso atrapalha a nossa “procura” dos segredos da Tia Jô nos livros.

Eu acredito que os livros deviam ser menos “teóricos” e “gramaticais” e mais condizentes com a nossa realidade, por que afinal, não é uma forma de NÓS nos expressarmos?

Mas fica por conta de vocês não é?

Adoraria que você tivesse traduzido ;DD

Marciano Potter | segunda-feira, 21 de março de 2011:

Ótima coluna.

Como sempre li os livros em português não sabia dessa grande diferença, e fiquei um pouco chateado, infelizmente sempre ocorrem mudanças nas traduções, o que é lamentável. Um dia espero ler os livros em inglês e poder conhecer a obra tal qual J. K. escreveu.

Só lembrando que hoje às 17:00 horas tem a Pedra Filosofal no SBT.

Betynha | segunda-feira, 21 de março de 2011:

Excelente coluna que só me dá a certeza que a Rocco poderia ter escolhido alguém menos conservador e mais atento à língua enquanto organismo vivo. Infelizmente, Lia Wyler preferiu se esconder debaixo das asas do conservadorismo e preconceito (sim, eu também acho isso!!), em vez de ousar e aproximar os leitores da saga da realidade que é uma língua que vive em transformação como o português e, claro, o inglês!

Parabéns!

Dani | segunda-feira, 21 de março de 2011:

Também acho que a tradução deveria ser fiel ao original e tentar mostrar a forma como Hagrid fala! Uma dica pra entender as falas em inglês é tentar pronunciar a frase, parece que aí as coisas se encaixam

Jorge Leberg | segunda-feira, 21 de março de 2011:

Concordo com a colunista, e comentei a respeito no meu blog: <http://jorge-leberg.livejournal.com/94913.html>

Lety Snape | segunda-feira, 21 de março de 2011:

Magnífica coluna. Falem o que quiserem, eu nunca perdoarei o Escópio e Remo João da senhora Wyler.

Jorge Leberg | terça-feira, 22 de março de 2011:

Valeu pelo seu comentário no meu blog, Bruna. Deixei lá uma breve réplica, inclusive a fins de agradecimento. Abração!

henrique monteiro ele | domingo, 27 de março de 2011:

pesquisa mais um pouco sobre os motivos da lya nesta questão, que tu vai entender como é complicado traduzir um sotaque em um país de proporções continentais. se ela fosse fazer um caipirão brasileiro, usaria sotaque de baiano, mineiro, ou carioca? é nisso que reside o problema.

mas...

ótima coluna. quando li os livros em inglês também tive certa estranheza no início. mas basta ler as falas do hagrid pronunciando em voz alta, que fica de boa.

Nana | segunda-feira, 28 de março de 2011:

Muito boa a sua coluna!

Eu até concordo que ela não deveria ter colocado a tradução das falas do Hagrid tão certinha, mas tradução é uma coisa muito complicada. Nesse quesito eu concordo com o Henrique. A questão seria de escolher o sotaque de onde? O Brasil é muito grande e muito cheio de sotaques muito diferentes. Mas é como eu disse, ela bem que podia ter manejado na forma super correta que ele fala.

Jackson | segunda-feira, 11 de abril de 2011:

Adorei. Que pena que perdemos essas características de sotaque na edição dos livros do Brasil. Seria extremamente interessante ler os livros com o nosso meio-gigante falando com sotaque caipira.

Rick | terça-feira, 03 de maio de 2011:

Ótima coluna! A título de curiosidade, em Portugal, a equipa de tradução decidiu manter o sotaque de Hagrid no livro, embora não seja tão pronunciado como no original inglês (" — Bem, esperámos até de manhã. Nã' quisemos chegar sorrateiramente, no escuro, mesmo pra nossa segurança — prosseguiu Hagrid. — Lá prá's três da manhã eles adormeceram mesmo onde 'tavam sentados. Nós não nos atrevemos a dormir. Por um lado, qu'ríamos ter a certeza que nenhum deles acordava e vinha até onde nós 'távamos, e por outro, o ressonar era incrível. Provocou um'avalanche de madrugada." O "sotaque" consiste em elisões comuns na linguagem descuidada do dia-a-dia (o famoso "'tás" em vez de "estás" e o "prá" em vez de "para") e na adição de bordões de linguagem ("tás a ver?"). Contudo, compreendo que realizar esta tarefa num país de dimensões tão grandes como o Brasil (e com uma infinidade de dialectos) seja tarefa difícil.

Caroline Reis | terça-feira, 06 de setembro de 2011:

Fiz minha dissertação de mestrado sobre a tradução da fala do personagem Hagrid. Quem ficar curioso é só procurar na internet que ela está disponível online para leitura.

Retirado de: <http://potterish.com/2011/03/o-que-voce-disse-hagrid/#comments> (Acessado em: 26/12/2011)

Entrevista – Questionário

1. Como você conheceu HP? (idade, data, local, fatos históricos que envolviam a época, fatos pessoais marcantes).
2. Você conheceu amigos através de Harry Potter? Conte sobre. (Incluindo amigos fora do site).
3. Harry Potter estimulou você a ler mais?
4. O fato de haver hora marcada para o lançamento dos livros despertava em você um desejo maior de necessidade de compra dos livros?
5. Como você entrou para o seu fã site? Se você foi fundador, conte como ele surgiu.
6. Defina a função/importância do (seu) fã site para o fandom.
7. Qual da internet para HP e para você como fã?
8. O fato de o projeto pottermore ter sido envolto em uma atmosfera de segredo aumentou a sua vontade de descobrir sobre ele e fazer parte do projeto?
9. Você é um usuário beta no pottermore? (Se sua resposta for “não” pule para a pergunta 12.)
10. Como você define o pottermore?
11. O que você mais gosta no pottermore?
12. Você pensa que o pottermore vai influenciar em sua leitura/ concepção da história? Por quê?
13. Além do seu fã site, a que outras atividades relativas ao fandom você se dedica? Comente sobre. (Fanfic, cosplay, RPG, fanvideos, wizard rock etc)
14. O que você pensa sobre a questão da “guerra dos ships”? Isso também aconteceu no Brasil?
15. Você já sentiu que foi tratado de forma preconceituosa por ser fã de HP (ou por atividades relacionadas ao fandom)? Conte como foi.
16. Você acha que HP sofre preconceito de alguma grande instituição/mídia? Qual(is)? Por que você acha que isso acontece?
17. Você (ou alguém do seu site) já sofreu algum tipo de processo judicial por violação de copyright/direitos autorais das empresas/pessoas relacionadas oficialmente a HP?
18. Conte como foi a sua primeira leitura de “Relíquias da morte” (inclua data, local e como conseguiu o livro).
19. Comente sobre o “fim”: como se sente, o que você espera do pottermore, dos fã sites (ou de outras mídias relacionadas a HP) etc.

20. Escreva aqui algo que você acha relevante sobre HP que não foi abordado nas questões anteriores:

Entrevistas - Resposta: nº 1

1. Em 2001. Eu estava no 1º ano do ensino médio e o meu melhor amigo, que era da minha sala, estava lendo a série e insistiu para que eu a lesse também. No início eu recusei porque achava que era uma história infantil devido às capas, porém, depois de muita insistência, cedi e pedi de Natal à minha tia o primeiro livro. O primeiro filme já tinha sido lançado, mas eu evitei de ver qualquer foto ou vídeo porque queria ler o livro e criar a imagem dos personagens na minha cabeça, e não poluí-la com a fisionomia dos artistas. Comecei a lê-lo no dia 25 de dezembro de 2001.
2. Praticamente 90% dos meus amigos eu conheci através de Harry Potter, e se não são fãs, eu os conheci através de amigos que são fãs. Isso inclui amigos da cidade onde nasci (...), amigos de um fã-club de lá, amizades que fiz através dos eventos do site, amizades com a equipe do site, amizades com visitantes do site, e atualmente amizades com fãs do Rio de Janeiro. É muito fácil fazer amizade com algum fã. Se você encontra uma pessoa e tenta puxar papo com ela, e eventualmente descobre que ela é fã, pronto. Não precisa de mais nada, a conversa vai durar horas e vocês vão conversar como se fossem amigos há anos.
3. Demais! Eu odiava ler antes de HP, nunca lia os livros paradidáticos da escola, mas a série me fez ficar viciado pela leitura, de forma que hoje estou tentando criar uma mini-biblioteca na minha casa.
4. Sim, essa pergunta é interessante, nunca havia pensado nisso. Eu acho que a hora marcada foi uma estratégia de marketing fenomenal, porque deixava todos os fãs ainda mais ansiosos e atentos. O fato de ter uma data e horário levou as livrarias a promoverem eventos para o lançamento, instigando os fãs participarem daquilo e sentir a “magia” mais de perto. Então sim, acredito que hora marcada fazia com que eu quisesse comprar o livro ali, naquele ambiente e naquela hora, porém acredito que mesmo se não houvesse data e hora, eu compraria o volume logo que ele estivesse à venda.
5. O livro foi lançado inicialmente em inglês, no dia 21 de julho de 2007. Eu e uns amigos fomos a uma livraria (...) para ver as caixas com os exemplares chegando. Não comprei o meu volume ali porque decidi que esperaria o lançamento da edição brasileira. Porém, o fato de não adquiri-lo não me impediu de lê-lo. Na época surgiram

na internet várias traduções feitas por fãs, mas eu também não queria ter acesso a elas porque não queria que meu último livro fosse lido pelo computador. Então eu me encontrava com a minha namorada e a gente lia junto, mas não fomos muito longe. Desisti de ler assim e esperei de fato o lançamento em português. Eu ganhei a minha cópia brasileira em novembro da livraria onde fiz o evento do lançamento do livro (...).Gostava de “economizar” o livro, de forma que tentei ao máximo ler o livro devagar, para tê-lo como novidade por mais tempo. De vez em quando eu conseguia ler apenas um capítulo por semana, porém todo esse meu plano caiu por terra quando comecei o capítulo a Batalha de Hogwarts; daí pra frente li tudo de uma vez só.

6. Eu entrei em 2005. Fazia parte do fórum do site, e o webmaster Marcelo me convidou para monitorar uma seção de lá. Depois virei chefe da seção, mas algum tempo depois ela foi fechada. Para não jogar fora o meu trabalho, o Marcelo me colocou como editor em 2006, e algum tempo depois virei editor chefe. Ainda naquele ano, adicionei às minhas atividades a função de redator, depois subi para redator chefe, e acredito que em 2008 ascendi para webmaster.
7. O Potterish está online desde 2002 e é atualmente o fansite de HP mais completo e mais visitado. Nossa intenção sempre foi fornecer ao fã tudo o que ele gostaria de encontrar sobre a série. Por isso temos tantas seções, desde um fórum para comunicação entre todos, até seção de conteúdo e fics, passando por jogo de enigmas, dicionário, fanzone, galeria de fotos e vídeos, notícias e muito mais. Lógico que qualquer opinião que eu der vai parecer que estou falando bem do site somente porque faço parte dele, mas falando como fã, eu acredito que seria uma tremenda tragédia pro fandom se o Potterish fechasse, uma vez que ele é o maior acervo Potter em português.
8. Imagino que seja aproximar os fãs do Brasil e do mundo, e também dispor a eles uma forma de encontrar conteúdo sobre a série e discuti-lo online. É difícil imaginar a vida de fã sem internet, uma vez que as informações sobre HP seriam muito escassas.
9. Demais! Eles não explicavam direito do que se tratava, o que contribuiu para que cada um teorizasse bastante. Isso acabou sendo também uma faca de dois gumes, pois fez com que os fãs imaginassem algo muito melhor do que de fato é.
10. Sou.
11. Interessante, mas infelizmente não é tudo aquilo que eu imaginava.
12. As novidades escritas pela J.K. Rowling. Porém, uma vez que você termina de lê-las, a parte mais atraente acaba sendo a fabricação de poções e os duelos (...).

13. As informações divulgadas pela autora vão preencher algumas lacunas que ficaram durante a leitura dos livros, mas acredito que só vão influenciar a minha concepção da história se for algo muito bombástico.
14. Eu tenho um cosplay completo da Grifinória e também realizei eventos do lançamento dos livros, filmes e DVDs. Participo de um grupo de visitantes do site, a “Armada Potterish”, no Facebook, com amigos do país inteiro, mas grande parte mora no RJ e SP. Nós viajamos pra SP em julho do ano passado para nos vermos, e fomos à premiere no RJ juntos.
15. Sei que isso acontece no Brasil, mas realmente não posso falar muito a respeito porque não acompanho de perto. Acho que isso acontece mais entre fãs que escrevem/lêem fanfics, e como eu nunca li porque quero me manter “puro” à história da Rowling, nunca tive contato com essa guerra.
16. As pessoas acham que HP é uma série infantil, então se vêem um jovem gostando da série costumam achar que ele é retardado ou algo assim. Comigo nunca aconteceu algo muito grave, o que rola mais é de, numa conversa, nos acharem infantil por ler e gostar de HP.
17. Sim. A imprensa em si demorou MUITO para parar de chamar o Harry de “bruxinho”, termo que infantiliza a série como um todo. Aliás, até hoje alguns canais ainda o chamam assim. Além disso, por maiores que tenham sido os feitos da série, eu nunca a vi ser mencionada pela Globo, por exemplo. Sei que os direitos foram comprados pelo SBT, mas os números de vendas dos livros e de ingressos dos filmes nunca foram sequer mencionados, embora tenham sido grandiosos. E por fim, quando o Tom Felton estava no Brasil por causa da premiere, a Globo não mencionou isso, embora tenha mencionado outros artistas e fãs em frente ao hotel; assim como não mencionou nada sobre a premiere em si. Não sou uma daquelas pessoas que odeiam a Globo, mas vejo isso como um descaso total apenas porque não possuem os direitos.
18. Não. Pouco antes de ganharmos o prêmio “FanSite Awards” da autora J.K. Rowling, recebemos um e-mail do site dela falando que eles queriam manter contato, então saímos colocando uma nota em todas as nossas páginas alertando que HP era propriedade deles e tal, achando que poderiam estar abrindo um processo contra o site, porém acabou sendo o prêmio em si. O máximo que aconteceu foi termos a nossa conta do YouTube deletada umas 5 vezes porque os vídeos não eram nossos, o que nos levou a criar a nossa galeria de vídeo em servidor próprio.

19. É engraçado, porque eu estava mais triste e sofrendo mais de antecipação antes de HP7.2 ser lançado do que agora. Acho que “dar adeus” ou não foi tão ruim como eu imaginava, ou a minha ficha ainda não caiu. Sinceramente o Pottermore só me interessa devido às novidades da Rowling, então só espero por isso mesmo. Alguns fansites já estão fechando, porém o Potterish se manterá online porque não queremos contribuir para “o fim”, por assim dizer. Assim como aconteceu com o lançamento do último livro, porém agora em maior escala, algumas pessoas vão largar a série de mão, vão dizer que amadureceram e assumir aquela pose de que HP fez parte de sua infância e agora são adultos formados. Acredito, contudo, que os verdadeiros fãs vão se manter fiel à série e a todas as coisas boas que ela trouxe.
20. Duas coisas:
- Acredito que os fãs que fizeram parte de fansites foram beneficiado de outras formas. Depois que entrei no Potterish, meu inglês melhorou 200%, aprendi a legendar, a programar, a administrar, a realizar eventos, dentre outros.
 - Várias pessoas do Potterish já disseram que o site contribuiu para conseguir uma vaga em alguma empresa, algo que acho muito interessante porque embora o trabalho no site não seja remunerado, ele pode servir como experiência.

Entrevistas - Resposta: nº 2

1. Meu pai fez uma viagem à Brasília e retornou com o primeiro livro da série, me disse que achou interessante e sabia do meu gosto por leitura. Eu tinha uns 9 anos, isso deve ter ocorrido lá pelo ano 2000, então não tenho certeza se a internet existia ou não. (...)
2. Sim, e acho que por sua totalidade foram pessoas do site. Mas gostar de Harry Potter foi algo que sempre influenciou positivamente o crescimento de muitas de minhas amizades, e inclusive fiz vários amigos começarem a ler (e gostarem) da série por insistência.
3. Não acho que me influenciou a ler mais porque sempre gostei de ler, e teria continuado gostando se Harry Potter não existisse. No entanto, acredito que para muitas pessoas essa tenha sido a primeira oportunidade de ler algo bastante prazeroso, e algo que conseqüentemente fez com que elas quisessem ler mais. Quando era mais nova acho que não fazia uma leitura muito crítica da obra, pois era jovem demais para entender certos conceitos, mas agora, mais velha, acho que consigo, sim, realizar uma leitura crítica da obra.

4. Com certeza! Os lançamentos eram sempre marcados por eventos e encontros de fãs, além de contagens regressivas e etc. Ir para os lançamentos era muito emocionante!
5. Li Relíquias da Morte logo que foi lançado em inglês, pelo mundo todo. Reservei a compra antecipadamente e peguei o livro na Saraiva. O livro me surpreendeu completamente, e acho que a sensação de ‘todos os mistérios foram resolvidos’ foi muito boa, afinal, ficamos no suspense por seis outros livros!
6. Eu sempre acompanhava as notícias do Potterish e, por ter bom conhecimento de inglês e paixão por Harry Potter, achava que poderia ser útil participando da equipe. Deixei para tentar entrar no site depois de passar no vestibular, para ter mais tempo e disponibilidade de trabalhar.
7. O Ish é o maior site brasileiro de HP e o único premiado pela JK Rowling. Acho que, além das notícias, o Ish também fornece um conteúdo enorme, como o Madame Pince (super útil), as viagens Ish para o parque de HP (nada melhor que ir pra Disney com outros potterianos), eventos e encontros, sorteios, além dos muitos vídeos e textos traduzidos fornecidos pelo site, reviews de livros e entrevistas com elenco e pessoas da equipe (Tom Felton, Alexandre Desplat).
8. Para mim, ela me aproxima do mundo Potter, seja proporcionando novas amizades, me mantendo atualizada nas notícias da Jo Rowling ou me avisando de datas de premieres e etc.
9. Claro! Nada como um bom mistério para aguçar a curiosidade, ainda mais vindo da JK Rowling!
10. Sim.
11. O Pottermore é um site onde os fãs podem interagir mais com a série, descobrir coisas que ficaram esquecidas ou não foram mencionadas, e matarem um pouco a saudade de não ter mais livros ou filmes por esperar.
12. Poder passar por cada ‘fase’ da vida do Harry, descobrindo um pouquinho mais sobre a história de acordo com o livro ou capítulo, achar os itens escondidos.
13. Acho que não vai influenciar tremendamente, mas com certeza vai me dar um outro olhar com relação a alguns fatos, principalmente se eu reler a série depois de descobrir os outros ‘segredinhos’.
14. Eu costumava ler fanfics, mas fora ler os livros, ver os filmes e trabalhar no site, não me dedico a nenhuma outra atividade (embora ache-as todas muito interessantes).
15. Sim, aconteceu aqui. Acho que é perfeitamente normal, da mesma maneira que os fãs da saga Crepúsculo torcem pelo ‘Team Edward’ ou ‘Team Jacob’. Pessoas diferentes

pensam de maneira diferente, e eu mesma achava que o Harry terminaria com a Hermione na história. Só acho besteira ficar literalmente brigando por isso, pois de qualquer forma as fics tão aí pra atender a demanda de outros ships (e, querendo ou não, quem manda na história é a Jo, não os fãs).

16. Sim, uma vez uma pessoa disse que me achava infantil por gostar de Harry Potter, e algumas pessoas reviram os olhos quando digo que gosto tanto da série que trabalho num site (de graça), provavelmente pensando que isso consome minha vida. ‘Trabalhar’ com HP, pra mim, é um hobby como qualquer outro, algo que gosto de fazer e com o qual gasto meu tempo de maneira saudável e moderada. Algumas pessoas colecionam selos, algumas fazem aula de dança e eu trabalho num site dedicado a HP. Mas no geral as atitudes são bem positivas quando comento meu gosto pelos livros.
17. Bom, obviamente que sim, começando pelas mais de 10 rejeições de editoras quando a JK tentava publicar A Pedra Filosofal. Acho que por ser uma série que se tornou ‘popular’ ela acaba sofrendo críticas de *so-called* intelectuais, que julgam sem ler. Não tenho problema nenhum em ouvir críticas de HP, afinal cada um tem direito a sua opinião, mas criticar sem ler não dá né? E soube também que o livro foi proibido em alguns países por mencionar bruxas e afins. Sem falar, é claro, que os colégios nem pensam em fazer de HP um paradidático, justamente por esse culto de que livro ‘popular’ é livro clichê e bobo.
18. Que eu saiba, não, mas não posso afirmar com certeza (com relação às pessoas do site, eu nunca sofri nenhum processo).
19. Não fiquei tão abalada com o fim porque acho que não devemos chorar pelas coisas boas que acabam, e sim agradecer por elas terem existido. A história seguiu seu curso, teve começo, meio e fim nos momentos certos, e terminou gloriosamente, como era esperado. O Pottermore vai ser uma grande ajuda para fãs mais ‘fominhas’, mas uma hora a fonte de segredinhos também acaba. O importante é lembrar que haverão outras fases para se viver HP: algum dia irei ler os livros para meus filhos, algum dia, quando tiver mais idade, irei reler a série e provavelmente já terei esquecido de muita coisa... nunca vai ‘acabar’ verdadeiramente, embora tenha acabado (muito confuso?). Acredito que os fãs sites vão continuar, talvez com menos notícias, mas a JK Rowling já tem planos de escrever outros livros, então eles devem permanecer no ar. Enquanto o Ish estiver na ativa e precisando de tradutores/transcritores, estarei lá.

20. Acredito que o fascínio por HP advenha do fato de ser uma história cheia de valores que estavam sendo ignorados ou esquecidos pela sociedade, como amor, coragem, lealdade, amizade, etc. Ao ler os livros, muitos de nós (ou pelo menos eu) foram tocados pela esperança de sermos pessoas melhores, de quereremos um mundo melhor, de seguirmos ideais verdadeiros e fazermos o bem. Num mundo com tanta guerra, violência, injustiças, saber que outras centenas de milhões de pessoas também acreditam nesses ideais faz eu me sentir menos sozinha e ter um pouco mais de esperança no futuro (piegas, eu sei, mas pura verdade!). A série marcou minha infância e adolescência (bem como as de muitos outros fãs) e com certeza eu seria uma pessoa bem diferente (muito mais chata!) se não fosse por Harry Potter.

Entrevistas - Resposta: nº 3

1. Conheci HP quando tinha 10 anos e o primeiro filme foi lançado no cinema. (...) Acho que ganhei meu primeiro Harry Potter com 11 anos. Não tinha internet, mas lembro de ver muitos noticiários e jornais falarem sobre a série, principalmente sobre a estréia do filme.
2. Desde que comecei a me interessar por Harry Potter, sempre fui assistir aos filmes nas noites de pré-estréia. Quando fui com meus amigos ver o quinto filme (A Ordem da Fênix), chegamos muito cedo e pegamos os primeiros lugares na fila. A fila já estava enorme e o filme ainda demoraria muito para começar, então o pessoal do cinema deixou que entrássemos na sala, para poder aguardar lá (...). Meu melhor amigo se chama Vitor, e eu o conheci nessa sala de cinema.
3. Acho que não me estimulou a ler, porque sempre foi uma grande paixão minha. Mas estimulou meus irmãos, com certeza. Todos somos leitores assíduos hoje em dia, devido a Harry Potter. Não considero uma leitura crítica, mas sei que livros eu considero menos interessantes, e quais são mais bem escritos.
4. Nunca tive a necessidade nem desejo de comprar os livros, até porque venho de uma família pobre, e dificilmente podíamos comprar os livros assim que lançados. Mas eu tinha uma curiosidade imensa de saber o que iria acontecer, então emprestava da biblioteca antes mesmo de chegar, ou aguardava que um amigo terminasse para que me emprestasse sua cópia.

5. Eu tinha muito medo de descobrir o que iria acontecer com alguém me contando. Então achei a transcrição dos livros na internet e os li (em inglês britânico) numa noite em frente ao computador. Deve ter sido alguns dias depois de ter sido lançado oficialmente. (...)
6. Eu sempre fui boa com inglês, e sempre li muitas fanfics de Harry Potter no site Floreios e Borrões (adendo do Potterish). Até que um dia (não me lembro se haviam inscrições abertas ou não) mandei todas as minhas informações, me oferecendo para ser tradutora.
7. Com certeza o mais importante da America Latina. É um site muito fiel e muito sincero, já fomos premiados pela própria JK Rowling. Somos de grande importância para novos e antigos fãs.
8. Acho que a internet facilita qualquer informação. Vivemos num mundo de coisas rápidas. Então também temos que ser rápidos ao disponibilizar novidades aos nossos visitantes.
9. Qualquer coisa que tenha a ver com Hary Potter, me desperta o interesse.
10. Sim!
11. Acho a experiência virtual mais incrível já inventada!
12. Acho as poções muito divertidas, mas muito longas. Adoro achar itens escondidos nos capítulos e gostei muito de me perpetuar na minha Casa e finalmente saber qual é minha varinha.
13. Sim. Há vários fatos desconhecidos e é uma nova perspectiva. Harry Potter é incrível também por estar sempre em movimento.
14. Fanfics e cosplay.
15. COM CERTEZA! E eu fiz parte dessa guerra com fervor. Sempre, desde o primeiro filme, amei a relação entre Ron e Hermione e não suportava quando diziam que Harry e Hermione eram o casal principal.
16. Acho que as fanfics são a maior fonte de preconceito que já sofri. Sempre gostei de Le-las e até em minha casa, elas são tratadas com desdém.
17. Acho que antigamente, HP era mais visto como ‘coisa de nerd’. Hoje em dia, isso não acontece. As pessoas abraçam HP. Lembro-me apenas de algumas religiões que diziam que era pecaminoso, ou algo assim. As pessoas gostam de atacar as coisas que são diferentes delas mesmas, por medo. Medo do quê, eu não sei.
18. Não sei o pessoal do site, mas eu nunca sofri!

19. Quero que os outros livros do Pottermore sejam liberados logo. Amei o fim, acho que não poderia ter acabado melhor. E, como já disse, Harry Potter é algo que está sempre em movimento, por isso acho difícil que haja um fim definitivo.
20. Acho Harry Potter uma obra mágica. A magia dos livros não provém dos feitiços, mas da nostalgia e do amor pela vida com que é escrito.

Entrevistas - Resposta: nº 4

1. Conheci Harry Potter através do meu primo (creio que aos nove anos, na casa dele). Na época, tinha acabado de sair a VHS da Pedra Filosofal e ele tinha alugado para assistirmos.
2. Primeiro conheci os amigos do meu primo. Moravam em prédios vizinhos e todos os amigos dele gostavam de Harry Potter. Levei Harry pros amigos de colégio e o mesmo aconteceu quando mudei de escola. Fiz meu grupo de amigos assim, conversando sobre Harry Potter e estimulando-os a assistir (não é à toa que são meus amigos há quase 10 anos). E tem os amigos do fã-clubes (Clube da Fênix, aqui de Recife) que conheci há 3 anos.
3. “Harry Potter me estimulou a ler mais sim. Tanto é que eu devorava gibis, livros e me tornei um excelente aluno (problemas pessoais me desestimularam um pouco). Hoje, leio vários livros, mas não com a mesma voracidade da época que conheci o Potter, mas com a mesma intenção. E sim, creio que poderia realizar uma crítica sobre a obra.
4. Sim, despertava. Não só uma ânsia para comprá-los, como esperar o próximo filme a ser lançado. Porém, só pude comprar os livros depois do fim da obra.
5. Li “Relíquias da Morte” um mês depois do lançamento aqui no Brasil (10 de dezembro de 2007) e foi o livro emprestado de uma amiga minha, que tinha comprado na data de lançamento (8 de novembro do mesmo ano). Devorei o livro em 3 dias e creio que, não por ser o último, mas por ler com mais vontade, tenho todas as cenas e alguns lances de páginas grifados na cabeça. (...)
6. Entrei para o Potterish.com através da seleção que teve para o mesmo. Não lembro exatamente a data, mas foi mais ou menos no fim de 2009.
7. Para mim, o Potterish é o site mais completo, por ter um conteúdo vasto e extremamente pesquisado e atualizado sempre para mantê-lo atual. Além de que, suas notícias são de extrema relevância para a série (nada como ‘Emma Watson flagrada fazendo compras em tal lugar’... O que tem em alguns, tanto para HP como para outras

- séries). Então, para mim, a importância é de levar informação boa e com conteúdo aos fãs.
8. Além de facilitar a compra de diversos itens de coleção, as informações que são dadas nos ajudam a entender melhor o mundo vasto criado pela JK e a facilitar pesquisas como essa e qualquer outra coisa que envolve HP.
 9. Sim, aumentou. Ninguém sabia como seria o Pottermore, o que fez com que nós procurássemos mais sobre isso pra poder saber o que viria ali (nova saga, novos segredos e coisas do tipo).
 10. Infelizmente não. Não cheguei a tempo.
 13. Não no fator leitura, já que o Pottermore, pelo que eu sei, nos dá mais pistas sobre o que é o Mundo Harry Potter criado pela JK. O que não deu para que ela incluísse nos livros por ser pensado depois ou apenas em ser muita informação e tal, apenas faz com que a gente possa entender qual foi o *início, meio e fim* de tudo, personagens etc. Mudaria sim na concepção de toda a história, aumento o nosso conhecimento sobre tudo o que sabemos;
 14. Minha fanfic de HP acabou se tornando o RPG que eu jogo com meus primos.(...) É o máximo que chego, fora os eventos do fã clube.
 15. Não sei te responder sobre isso, porque não entendo muito como funciona isso. Sei que já ouvi algumas pessoas comentando, mas nunca busquei me aprofundar sobre.
 16. Sim. Meus irmãos sempre me trataram como “pirralho” – mesmo sendo o mais novo – e isso me irritou e irrita até hoje, pois, por mais que HP defina um caráter de uma pessoa que cresceu acompanhando a saga e aprendeu diversas lições para, isso não influencia sobre quem você é. Ainda bem que hoje, as coisas mudaram um pouco, inclusive no meu trabalho, onde minha chefe também gosta de HP e vai 1 vez por ano ao parque.
 17. (...) E todas as mídias falam sobre o “bruxinho” Harry Potter. Creio que é uma forma de, não só atacar a história chamando-a de infantil, como a nós, fãs.
 18. Não. Temos o aval da JK Rowling. Então não creio que o Potterish tenha problemas com isso.
 19. O “fim” de Harry Potter é algo que ainda me perturba (...). É algo que vai fazer muita falta na minha vida, pois eu gostava de esperar os lançamentos, descobrir mais e creio que nenhuma saga poderá suprir essa minha necessidade. Caso algum dia consiga me inscrever no Pottermore, aí sim poderei correr atrás de informações e esperar por cada divulgação que o mesmo faça. Já sobre o Ish (Potterish), espero que continue firme e

forte comentando sobre os trabalhos dos atores principais e assim, permanecendo com todos até quando chegar o fim de verdade.

Entrevistas - Resposta: nº 5

1. Eu conheci HP através do primeiro filme. Estava no 1º ano do Ensino Médio e várias amigas estavam lendo o livro e me chamaram para ver o filme. Eu tinha 15 anos e me apaixonei pelo filme! A partir daí comecei a ler os livros (na época os 4 primeiros livros já estavam publicados)
2. Somente amigos virtuais já que eu me juntei ao time Potterish este ano, quando já estava morando em Londres
3. Eu sempre gostei bastante de ler e Harry Potter foi uma ótima desculpa para ler 7 livros
4. Não! Eu comprei os 4 primeiros livros algum tempo depois de estarem publicados e os 3 últimos eu comprei pela internet em pré-venda
5. O 7º livro foi um presente de um amigo. Recebi logo após o lançamento e li o livro em pouco tempo (principalmente a 2ª metade)
6. Eu sentia a necessidade de acompanhar as novidades de Harry Potter, sobre a publicação dos livros e o andamento dos filmes. Foi quando conheci o Potterish (pesquisa no Google). Fiz um cadastro para receber o news feed diariamente. Ano passado o site abriu vagas para transcritores e como o meu inglês atualmente tem um nível muito bom, resolvi mandar o meu currículo
7. Enorme já que somos um dos maiores fãs sites de Harry Potter, e o único estrangeiro reconhecido pela JK Rowling
8. A internet tem um papel muito importante pois é a maior fonte de informações que eu posso ter, e sem ter que pagar por isso (eu pago provedor de acesso à internet, mas por vários outros motivos, não só para ter informações de HP)
9. O fato do pottermore ter sido envolto em uma atmosfera de segredo aumentou a sua vontade de descobrir sobre ele e fazer parte do projeto?
Não! Eu estava muito curiosa para saber o que era, mas não sou parte do projeto
10. Você é um usuário beta no pottermore?
não
13. Não. Já li várias “histórias” escritas por fãs. É curioso, interessante, mas nunca influenciou minha visão sobre a história escrita por JK Rowling

14. Nenhuma outra atividade
15. Eu não acho que tenha acontecido uma “guerra dos ships” no Brasil com relação à Harry Potter
16. Algumas pessoas acham que Harry Potter é coisa de criança, e por eu ter começado quando eu já era 15 anos, teve algum preconceito sim.
17. Acho que o grande preconceito foi com relação ao Oscar. Os filmes possuem uma excelente equipe técnica e um grande time de estrelas britânicas. Merecia ter tido mais reconhecimento da academia.
18. Não que eu tenha conhecimento
19. Foi muito triste saber que não haveria outros livros do Harry Potter e agora é triste também não poder esperar por um novo filme. Mas temos o pottermore, os fãs sites, o Studio tour, o parque em Orlando, um novo parque na Califórnia. acho que os fãs de Harry Potter ainda poderão ter novidades sobre a série por um bom tempo.

Entrevistas - Resposta: nº 6

1. Eu conheci HP no primeiro semestre de 2004, quando tinha 13 anos. Na época, os 5 primeiros livros e os dois primeiros filmes já haviam sido lançados. A minha vizinha havia alugado os 2 primeiros filmes, assistido e amado. Aí ganhou os 2 primeiros livros da série de presente. Daí, ela vivia falando o quanto Harry Potter era legal e tal, mas eu não dava muita bola pro que ela falava. Um dia, fui a uma locadora alugar um jogo pro meu PS1 e vi o jogo de Harry Potter e a Pedra Filosofal, decidi alugá-lo. Este foi meu primeiro contato com a história de Harry Potter. Mas, apesar de eu ter amado o jogo e, conseqüentemente, ficar alugando-o sempre, ainda não tinha sido completamente seduzida pelo mundo criado por J.K.Rowling. Até que chegou julho de 2004 e o Prisioneiro de Azkaban finalmente entrou em cartaz no cinema da minha cidade (...). A partir de então, fui adentrando cada vez mais neste mundo mágico (lendo os livros e vendo os filmes). Nesta época, ainda não tinha acesso à internet, só passei a tê-lo em julho de 2005.
2. Eu tinha alguns amigos que curtiam Harry Potter. Outros não curtiam e eu influenciei para curtirem. Os novos amigos já fãs de Harry Potter que fiz, conhecendo pessoalmente, primeiro conheci para só depois descobrir que também eram fãs de Harry Potter. Todos aqueles que viraram amigos por causa de Harry potter eu conheci

virtualmente, e, óbvio, só quando passei a ter acesso à internet. Meus amigos que também curtiam Harry Potter tinham alguns amigos virtuais fãs de HP e iam me apresentando. Também conheci vários através do Orkut, na comunidade Harry Potter Brasil, a primeira comunidade na qual entrei. Depois veio o twitter e fiz mais alguns. E quando entrei pra equipe do Ish fiquei amiga do (...) chefe dos legendadores. Mas, até hoje, minha principal amiga feita através de HP (...) é do Potterish, mas, na época em que nos conhecemos, nenhuma das 2 fazia parte do Ish ainda. Nos conhecemos porque sou amiga no facebook da esposa de um primo dela. (...)

3. Desde criança eu sempre tive uma atração por histórias e também pelo aprendizado, o que fez com que eu sempre amasse livros. Eu lia bastante na época em que conheci HP, mas, com exceção dos paradidáticos adotados pela escola, eram todos livros muito curtos, daqueles que em uma hora você consegue ler vários. Com Harry Potter, eu passei a ler livros mais grossos, com história mais complexas e com um vocabulário mais elaborado. Harry Potter pode não ter me estimulado a ler mais, já que eu já lia bastante, mas me estimulou a ler melhor, digamos assim. Elevou o meu nível de leitura, me levando a melhorar meu conhecimento de sintaxe, desenvolver melhor meu senso crítico e a ampliar meu vocabulário, que até então é deprimente. Eu creio que realizo, sim, uma leitura crítica da obra, pois não apenas acompanho o desenrolar da história, também procuro analisá-la sob os mais diversos aspectos, como, por exemplo, percebendo as críticas indiretas que a Rowling faz sobre a escravidão, a ditadura, a busca desenfreada por poder, entre outras.
4. Bom, como falei anteriormente, quando eu conheci Harry Potter os 5 primeiros livros já haviam sido lançados, então eu só acompanhei a expectativa do lançamento de 2 dos livros. Entretanto, na época, os livros eram bastante caros (não tinha ainda aquela versão sem orelhas), minha cidade ainda não tinha biblioteca pública e, quando passou a ter, só contava com 1 exemplar de cada livro do HP, era praticamente impossível pegá-los emprestado e, quando se conseguia, tínhamos uma semana pra ler (nas férias dava e sobrava, mas quando era período de aula...) e conseguir emprestado também era difícil. Só consegui emprestado os 2 primeiros livros da minha vizinha. Pra ler os demais, eu tive que esperar aniversários, natais e dias da criança (sim, dias da criança; qualquer desculpa pra pedir um livro de HP de presente). E como eu queria ler na ordem, acabei lendo todos bem depois do lançamento, infelizmente. Entretanto, sempre que chegavam os lançamentos, aumentava o meu desespero para ler logo todos os que faltavam e poder ler aquele que estava sendo lançado.

5. Minha primeira leitura de Relíquias da Morte aconteceu em fevereiro de 2009. Eu consegui o livro porque minha avó me deu de presente (ela me deu 4 dos 7 livros), comprou pela revista da Avon, aquela edição sem orelha, isso em 2008. Entretanto, 2008 foi o ano em que eu fiz o terceiro ano do Ensino Médio e, sabe como é, né? Aquela pressão direto, fazendo você se sentir mal por fazer qualquer outra coisa que não seja estudar. Ainda tive: aulas manhã, tarde e noite; provas aos sábados; ano letivo prorrogado até meados de dezembro (e porquê passei por média). Mesmo sabendo que o curso que eu queria (Matemática) era um dos menos concorridos, me senti sufocada o ano inteiro, só tive paz quando finalmente passou o vestibular (janeiro de 2009). Há esta altura, eu estava tão estressada que fui viajar para descansar, voltando só em fevereiro. Aí eu finalmente pude desfrutar os meus livrinhos (5º, 6º e 7º) que eu havia ganhado em 2008 e até então não havia tido oportunidade para lê-los. Já sabia algumas coisas que iam acontecer (malditos spoilers), mas mesmo amei a leitura.
6. (...) Um dia, minha amiga (...) me contou que havia vagas para vários cargos na equipe do Ish, quando olhei as disponíveis, percebi que podia ser legendadora e unir o útil ao agradável (melhorar meu aprendizado de inglês e ficar mais em contato ainda com o mundo potteriano). Contudo, meu computador na época era uma relíquia (...). Assim, acabei não me inscrevendo na época (...). Quando chegou agosto de 2011, eu finalmente me auto presenteei com um computador decente. Assim, aproveitei que ainda havia vagas para legendador na equipe, me inscrevi, obtive aprovação e passei a fazer parte da equipe do Potterish.
7. O meu fã site é um dos mais importantes fã sites de HP, pois conta um enorme acervo de fotos, vídeos, notícias e outras coisas mais. Além de ser o único fã site brasileiro a ter sido premiado pela própria J.K. Rowling.
8. O papel da internet para HP consiste em melhor divulgar informações e notícias, além dos diversos produtos relacionados ao bruxinho, permitindo assim a expansão de seu sucesso. Entretanto, para nós, fãs, ela representa muito mais; representa a possibilidade de estarmos sempre em contato com o universo de Harry Potter: lendo notícias e fanfics, respondendo a quizzes, procurando fotos, assistindo a vídeos, navegando no Pottermore, fazendo e mantendo amigos pottermaníacos, entre outras coisas mais.
9. Sem sombra de dúvidas. J.K. Rowling é mestra em ativar nossa curiosidade. Ela lança uma pista e deixa os fãs loucos tentando descobrir o que é que ela anda tramando. Se o site simplesmente tivesse sido lançado já todo prontinho, todo mundo podendo se

cadastra logo, não despertaria tanto a curiosidade e vontade de participar como despertou em nós. Iríamos nos interessar, é claro, mas sem a expectativa do tão sonhado dia de relevar do que se tratava, do tão sonhado dia de finalmente poder se cadastrar, do tão sonhado dia em que seu e-mail chegaria avisando que sua conta está ativada. Enfim, sem causar aquele desejo desesperador de que o momento de finalmente poder fazer parte do projeto chegasse.

10. Sim. (...)

11. O Pottermore é uma espécie de rede social de pottermaníacos. Ele é muito legal. As informações extras sobre o mundo da magia e as histórias pessoais da Jô envolvendo este mundo que ela criou são deveras interessantes. Você precisar de um e-mail pra fazer parte lhe dá a sensação de esperar sua carta de Hogwarts. Você comprar seu material escolar, ser escolhido por sua varinha, ser selecionado para uma das quatro casas, fazer poções e usar feitiços, lhe dá a sensação de estar, de algum modo, estuando em Hogwarts. O que não gostei muito é de não podermos nos comunicar com os demais membros do site, mesmo que estejam como nossos amigos. Entendo a preocupação da Jô em relação à segurança dos usuários, principalmente por haver várias crianças e ainda mais sabendo que ela quis passar este alerta do perigo de se comunicar com desconhecidos quando criou o diário de Tom Riddle), mas isso deixou o site um pouco chato. Seria incrível poder conversar com fãs de Harry Potter do mundo inteiro. Claro que podemos conhecê-los e conversar com eles de outros modos, mas o Pottermore seria um excelente facilitador.

12. O que mais gosto no Pottermore são as informações extras, sem dúvida. É sempre bom saber mais e mais deste mundo que encanta a todos nós.

13. Sem dúvida. As informações extras que descobrimos por lá nos levam a enxergar os personagens e situações de modos que não havíamos sido capazes de imaginar anteriormente.

14. Nenhuma, infelizmente.

15. Acho interessante a existência da diversidade dos ships, pois cada pessoa tem direito a ter o seu casal favorito, mesmo que saiba que eles não terminam juntos. Eu, por exemplo, sempre gostei de Harry e Hermione, mesmo tendo percebido desde a Pedra Filosofal que no final seria Rony e Hermione. Agora, a questão da guerra dos ships é uma imbecilidade. Ver fãs da série brigando uns com os outros só porque não curtem o mesmo ship é triste. Deviam se unir por curtirem a mesma série, não brigarem porque não terem preferência pelo mesmo casal. Essa besteira de guerra também

- ocorreu aqui no Brasil, muita gente preconceituosa chamando os outros fãs de posers por não curtirem os casais oficiais. Claro que havia posers no meio (estão por todo lugar), mas generalizar é uma babaquice tão grande quanto brigar por causa dos ships.
16. Por atividades relacionadas ao fandom, não. Já que é mais recente e poucas pessoas sabem que faço parte. Mas por ser fã de Harry Potter, sim. Muita gente dava a entender de que achava que eu era retardada por curtir HP (mas alguns destes, no fim, acabaram se rendendo aos encantos da obra da J.K.). (...)
 17. Sim. Da Academy Awards, sem dúvida, que não concedeu um só Oscar aos filmes da série, mesmo tendo eles obtido grandes aprovações da crítica. Creio que isso aconteceu porque, na certa, eles fazem o que Lord Voldemort fazia: despreza o que não conhece porque crer se tratar de algo que não tem muita importância.
 18. Eu não sofri e desconheço se alguém do Potterish sofreu.
 19. O fim foi ao mesmo tempo alegre e triste. Alegre por finalmente a saga ter se concretizado, com todos os mistérios desvendados, todos os problemas resolvidos. Por poder, finalmente, saber o que aconteceu com cada personagem da história. E triste porque não tem mais histórias, né? Espero que o Pottermore, os fã sites e todas as mídias relacionadas a HP sirvam para manter o universo de Harry Potter sempre presente em nosso dia-a-dia.
 20. Bom, acho que não foi abordado a questão do parque temático e também do tour nos estúdios onde os filmes foram feitos. Esses dois lugares certamente servirão para eternizar as histórias que tanto nos maravilham.

Entrevistas – Reposta: nº 7

1. Conheci HP com o lançamento do primeiro filme, e por ser muito nova não me lembro o que ocorria no mundo na época. Meu acesso à internet não existia. Comprei Pedra Filosofal em VHS e assistia praticamente todo dia.
2. Comecei a escrever uma fanfic de Harry Potter e fiz vários amigos entre meus leitores. Um deles me passou o e-mail do grupo de MSN da Armada Potterish, um grupo inicialmente criado para quem iria ao parque de HP quando este fosse lançado, mas acabou virando um ponto de encontro para amigos mesmo. Depois entrei para a

equipe do Potterish, conheci mais pessoas e fiz mais amigos. Também fiz algumas amizades nos eventos de HP.

3. Sempre li bastante, mas posso dizer que Harry Potter me estimulou a ler livros com mais páginas. Pelo histórico literário que tenho, posso dizer que consigo avaliar HP (mas eu não tinha essa capacidade quando comecei a ler os livros, aos 12 anos).
4. Infelizmente, comecei a ler os livros quando Relíquias da Morte já havia sido lançado, então não peguei a época de espera.
5. Minha mãe comprou Relíquias para mim, em março de 2008, se não me engano. Foi uma leitura frenética, eu devorava o livro (e ele não acabou tão rápido, pela quantidade de informações, então foi ótimo), teorizava, passava noites em claro... (...)
6. A Armada Potterish era um grupo, digamos, afiliado ao Potterish, e logo muitos membros do site eram membros do grupo. Quando surgiu a vaga de tradutora, mandei minha inscrição e passei direto a primeira fase, que era só de dados, pois já me conheciam, e na segunda fase era preciso fazer uma tradução, que me rendeu uma vaga no site.
7. O Potterish é o único fã site brasileiro a ter o Fansite Award, dado pela própria J.K. Rowling. É uma responsabilidade enorme, e o site não faz por menos; é muito eficiente. O Ish é referência de qualidade, e é muito importante tanto por seu prêmio quanto ao seu profissionalismo.
8. A internet conecta todos os fãs (logo, conecta-me a vários amigos) e nos dá muitas informações: trailers em primeira mão, notícias que acabaram de sair e até livestream das premières dos filmes. Ajuda-nos muito.
9. Com toda certeza, ainda mais por ter sido encabeçado pela JK.
10. Você é um usuário beta no pottermore? Sim.
11. Um site com muito potencial, mas que não foi planejado corretamente (vide os problemas que dá e pelo site não ter sido aberto a todos até hoje).
12. Dos conteúdos exclusivos.
13. Talvez de algumas personagens, mas não no geral; acho que nada ali afetará diretamente a história de Harry.
14. Faço cosplay (...) e é sempre muito emocionante, pois vestindo aquela capa sinto-me realmente parte do mundo de HP. Também já escrevi fanfics, que é também uma ótima experiência, pois você conhece o outro lado, o lado dos escritos, e começa a entender as coisas de outra forma.

15. Essas “guerras” são divertidas, ainda mais quando se está do lado certo para ficar rindo dos argumentos toscos. Desde que não sejam levadas a sério e gerem verdadeiras brigas, eu adoro.
16. Ah, com certeza. Só de você andar de cosplay na rua já tem gente te olhando torto, rindo e comentando. Quando falo que sou fã de Harry Potter, muitos já fazem caretas e ficam, “Ah, que besteira, não acredito que você gosta disso! É de criança!”; é uma situação muito frequente – a não ser na época de lançamento dos filmes, porque aí todo mundo do nada vira fã.
17. Não que eu me recorde.
18. Não.
19. Me sinto meio... vazia. Não ter mais pelo que esperar é realmente complicado. Mas a gente vai levando a vida, as amizades continuam... “Aqueles que nos amam nunca nos deixam de verdade”, já dizia Sirius Black. Harry Potter sempre estará a um livro, um filme de distância, e é aí que a gente percebe que realmente nunca vai acabar. O Pottermore é um ótimo presente, para conhecer mais sobre esse mundo e surtar mais um pouco. O Potterish continua, e sempre continuará, pois é eterno assim como HP, mesmo que no fim viremos um site de notícias sobre os atores relacionados a Harry Potter.

20. Harry Potter me fez crescer como pessoa e a fazer grandes amizades, e por isso serei eternamente grata. Além de tudo, encaminhou-me para minhas duas possíveis profissões: tradução e cinema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANELLI, Melissa. **Harry e seus fãs**; trad. Ana Deiró - 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2011
- CANAVAGGIO, J. **Historia de la literatura** -Barcelona: Ariel, 1994-1995
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet — reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- CERVANTES, Miguel de. **Don Quijote de la Mancha** – Barcelona: Editorial Planeta, S.A., 2004.
- CHARTIER, R. **História da leitura no mundo ocidental** - São Paulo: Ática, 1998.
- D'ONOFRIO, Salvatore. **Literatura Ocidental. Autores e obras fundamentais** – São Paulo: Ática, 1990.
- ECO, Umberto. **Sobre a literatura** - Rio de Janeiro: Record, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: A Vontade de Saber v.1**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- _____. **O que é um autor?** Coleção Passagens, Vega, Lisboa, 1992.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**; trad. Susana Alexandria – 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- JOHNSON, Steven. **Cultura da interface**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008
- MUNIZ, Cellina. Na desordem da palavra: fanzines e a escrita em si. **In: MUNIZ, C. Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.
- O'HARA, Craig. **A filosofia do punk: mais do que barulho**. São Paulo: Radical, 2005.
- SEVERO, Cristine G. **Loucura(s) e família(s): análise de práticas discursivas**. Dorados: Editora UFGD, 2009.
- SIBLEY, Brian. **Harry Potter: a magia do cinema**. Panini Books, 2010.